



**INSTITUTO DE TECNOLOGIA,  
INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO  
(ILATIT)**

**ARQUITETURA E URBANISMO**

**CENTRALIDADES E IMAGENS DE FRONTEIRA:**  
A relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local

**GILMAR ALMEIDA DA SILVA**

Foz do Iguaçu  
2018



**INSTITUTO DE TECNOLOGIA,  
INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO  
(ILATIT)**

**ARQUITETURA E URBANISMO**

**CENTRALIDADES E IMAGENS DE FRONTEIRA:**

A relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo dos Passos Miranda Name

Foz do Iguaçu  
2018

GILMAR ALMEIDA DA SILVA

**CENTRALIDADES E IMAGENS DE FRONTEIRA:**

A relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Leonardo dos Passos Miranda  
Name (UNILA)

---

Prof. Dr. André Luis André  
(UNILA)

---

Prof. Dr. Cristina Lontra Nacif  
(UFF - RJ)

---

Prof. Ms. Liebert Rodrigues Pinto  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a todos os  
meus amigos e família.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor Leonardo Name pela orientação neste trabalho.

Aos meus familiares, pelo apoio desde o princípio da graduação.

A todos os meus amigos próximos, pela compreensão e paciência.

Aos colegas de curso, pelo companheirismo durante os anos na universidade.

SILVA, Gilmar Almeida da. **Centralidades e imagens de fronteira**: A relação de Foz do Iguaçu com seu contexto local. 2018. Número de páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMO

Este trabalho, vem sendo realizado desde o ano de 2014 na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como projeto de Iniciação Científica, que desde seu princípio, visou a investigação das centralidades urbanas no contexto da Tríplice Fronteira: Ciudad Del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Tal pesquisa se propôs durante seus três anos em desenvolver cartografias alternativas, que representassem aquilo que mapas tradicionais não transmitem. Nesta obra, vamos discutir a produção do espaço e de imagens na cidade transfronteiriça de Foz do Iguaçu, que ocasionalmente acabam abrangendo também uma área de conurbação entre Ciudad Del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Dada certa complexidade da área de estudos, existe a necessidade de explicitarmos que se tratam de cidades que de forma histórica, possuem aproximadamente cem anos de existência. Muitas das discussões urbanas desta localidade acabam sendo permeadas pela questão do turismo. Tendo isto em mente, este trabalho se propõe a questionar aquilo que se denomina como localidades centrais, sendo elas simbólicas ou físicas no contexto da cidade do interior paranaense.

**Palavras-chave:** Centralidades. Imagens. Foz do Iguaçu. Fronteira. Urbanismo.

SILVA, Gilmar Almeida da. **Centralidades y imágenes de frontera: La relación de Foz do Iguaçu com su contexto local.** 2018. Trabajo de conclusión de curso (Graduación en Arquitectura y Urbanismo) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMÉN

Este trabajo, viene siendo realizado desde el año 2014 en la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, como proyecto de Iniciación Científica, que desde su principio, visó la investigación de las centralidades urbanas en el contexto de la Triple Frontera: Ciudad Del Este, Foz do Iguaçu y Puerto Iguazú. Tal investigación se propuso durante sus tres años en desarrollar cartografías alternativas, que representasen lo que los mapas tradicionales no transmiten. En esta obra, vamos a discutir la producción del espacio y de imágenes en la ciudad transfronteriza de Foz do Iguaçu, que ocasionalmente acaban abarcando también un área de conurbación entre Ciudad Del Este (Paraguay) y Puerto Iguazú (Argentina). Dada cierta complejidad del área de estudios, existe la necesidad de explicitar que se trata de ciudades que de forma histórica, poseen aproximadamente cien años de existencia. Muchas de las discusiones urbanas de esta localidad acaban siendo permeadas por la cuestión del turismo. Teniendo esto en mente, este trabajo se propone a cuestionar aquello que se denomina como localidades centrales, siendo ellas simbólicas o físicas en el contexto de la ciudad del interior paranaense.

**Palabras-clave:** Centralidades. Imágenes. Foz do Iguaçu. Fronteras. Urbanismo.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	7
<b>1 – Definições sobre centralidades</b> .....	10
<b>2 – Produção de imagens, circuitos econômicos e cidade</b> .....	22
<b>3 – Centralidades e imagens em Foz do Iguaçu</b> .....	32
3.1 – Em busca de imagens e centralidades simbólicas .....	39
3.2 – Outras Centralidades Urbanas .....	57
Considerações Finais .....	64
Referências bibliográficas .....	66

## Introdução

O grande interesse pelo tema deste trabalho surgiu a partir de uma aula da disciplina de “Estudos Urbanos”, no ano de 2014, para a primeira turma do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA. O assunto exposto pelo docente – que também é o orientador deste TCC – de forma geral, tratava sobre centralidades urbanas e como estas eram produzidas e consumidas. Após a classe, me dirigi ao professor indagando se existia a possibilidade de transformar a discussão sobre centros urbanos na Tríplice Fronteira entre Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazú em um projeto de pesquisa. A resposta foi afirmativa e logo me tornei bolsista de iniciação científica, sob sua supervisão. Este trabalho, então, é um desdobramento de três etapas de investigação desenvolvidas entre 2014 e 2017, que possibilitaram a produção de diferentes cartografias<sup>1</sup>, – majoritariamente a partir de levantamentos de campo realizados, análises de imagens-satélite (Google Maps) e análise e sistematização de materiais coletados (folhetos turísticos).

Os antecedentes da pesquisa, se dividiram em três fases.

Em um primeiro momento, foi feita a revisão da parte teórica relacionada às definições de centralidades, assim como um levantamento de folhetos em hotéis e agências de turismo localizados no perímetro da área central de Foz do Iguaçu – entre as Avenidas Juscelino Kubitschek, República Argentina, Paraná e Jorge Schimmelpfeng. O objetivo deste estudo de campo era problematizar a questão “o que o centro fala sobre si mesmo em forma de imagens?”, ou seja, levantar dados que dissessem algo sobre uma suposta produção imagética da cidade, em torno de um setor turístico. Além disto, foram

---

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa foi desenvolvido sob o título de [CARTOGRAFIAS ALTERNATIVAS]: CENTRALIDADES E (I)MOBILIDADES NA ÁREA TRANSFRONTEIRIÇA DE FOZ DO IGUAÇU, PUERTO IGUAZÚ E CIUDAD DEL ESTE. Neste trabalho, levarei adiante os estudos de caso feitos em território brasileiro, é notável o nível de exposição sobre atividades turísticas disponíveis nas três áreas urbanas que compõem a conurbação entre Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazu.

É necessário ressaltar que a cartografia, neste caso, me serviu para compreender como se dá a distribuição espacial dos elementos indicadores de centralidades urbanas. No entanto, como um método de pesquisa, para Barros e Passos (2015, p. 30), a cartografia é uma intervenção – que de maneira alguma é neutra –. Logo, o conhecer, implica em uma criação de uma realidade de si e do mundo, o que tem suas consequências políticas.

levantadas as atrações turísticas anunciadas pelas prefeituras de Ciudad Del Este, Puerto Iguazú e Foz do Iguazú;

Na segunda etapa, analisou-se como o material recolhido – seja ele, virtual, ou físico – poderia se enquadrar nos chamados circuitos da economia urbana, considerando as teorias de Santos (1975), Sposito (1996), Silveira (2004 e 2007), Leite (2011) e Montenegro (2012)<sup>2</sup>;

Já em um terceiro momento da investigação, percebi uma notável produção de imagens por parte de um setor imobiliário e de construção civil em Foz do Iguazú, em um fórum de discussão na internet<sup>3</sup> denominado “Foz do Iguazú em obras” com inúmeras imagens muitas vezes produzidas por computação gráfica. Foram mapeados todos os empreendimentos citados neste fórum até dezembro de 2016 – uma vez que a página conta com periódicas atualizações –, com o objetivo de verificar a produção de imagens feita pelo setor imobiliário, que diz respeito à produção da cidade fronteiriça, bem como a localização do que é representado.

Tratando-se de objetivos, pretendo aqui aprofundar a análise sobre diferentes manifestações de centralidades urbanas, partindo do princípio que são fruto de processos econômicos, políticos e simbólicos – todos eles produtores de imagens.

O grau de exponibilidade de imagens produzidas a partir de elementos urbanos dotam de centralidades diferentes localidades, monumentos e espaços. A imagem por si é capaz de produzir tal fenômeno, se entendermos que existe uma reprodutibilidade técnica possível desde fins do século XIX e atualmente através de meios digitais em boa parte das vezes – a tecnologia da comunicação entre pessoas em diferentes regiões facilita a proliferação de determinados ícones imagéticos.

De certa forma, esta produção de imagens como fatores para os denominados centros, possuem estrita ligação com aspectos da economia urbana. Projetos de espaços livres e edificações, independentes da iniciativa pública ou privada, fornecem insumos para a produção de imagens, ou seja, por trás da fotografia feita por alguém que frequentou determinado ponto, existiu

---

<sup>2</sup> Tais discussões sobre estas teorias serão aprofundadas ao longo deste trabalho;

<sup>3</sup> O fórum de discussão se encontra disponível no endereço: <http://skyscrapercity.com/showthread.php?t=1466090/>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

movimentação de capital. Isto também se torna reiterado quando se trata de turismo – como no caso deste estudo – atenta-se que a espetacularização da natureza próxima a um perímetro urbano possibilita a movimentação econômica em torno de tal símbolo. Um exemplo disto, foi a desapropriação da área em que se encontra atualmente o Parque Nacional do Iguaçu, que com um decreto do Estado assinado em 1916, determinou que ali se instalaria uma povoação e um parque nacional (LIMA [1938] citado por BUCHE, 2014, p. 60).

De maneira geral, este tema desperta o interesse teórico não só da arquitetura e urbanismo, como da geografia e da sociologia. Tal interdisciplinaridade entre geografia com arquitetura e urbanismo se faz presente, por exemplo, no Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design (CITAD), na UNILA, união que possibilita diretrizes para interpretações profícuas para o planejamento urbano e regional.

Pormenorizando autores célebres como Walter Christaller, o geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2001) faz proposições teóricas acerca das localidades centrais em países subdesenvolvidos. Em boa parte dos casos, existe uma hierarquização do espaço, mais ativo economicamente, com diferentes alcances, que geralmente abrange o comércio varejista e o setor de serviços – no entanto, esta ordenação só aparece para as populações mais favorecidas economicamente.

Autor muito mais frequente na área de arquitetura e urbanismo, Kevin Lynch ([1960] 2011) defende que a centralidade é composta por uma série de elementos que dão legibilidade ao espaço. Já para Jane Jacobs ([1961] 2011), outra autora clássica da área, há uma estrutura tipológica somada a uma diversidade de usos, pessoas, horários e propósitos de determinadas lugares, o que evidencia elementos importantes para a definição de centralidades. No entanto, desenvolverei estes conceitos de forma mais clara no próximo capítulo.

Portanto, centralidade econômica e simbólica possuem certa relação, uma vez que imagens são elementos promotores e indicativos contemporâneos desta ligação, segundo Montenegro (2012). Considero também neste trabalho, o *New Mobilities Paradigm* (Paradigma das Novas Mobilidades): na contemporaneidade, tudo se torna móvel, nem mesmo o espaço físico mantendo-se fixo, uma vez que o fácil acesso a imagens de paisagens, por exemplo, possibilita aquilo que Mimi Sheller e John Urry (2006) chamam de

*Imaginative Travels* (viagens imaginativas). É importante mencionar que profissionais de arquitetura e urbanismo, tem feito contribuições em grande volume para a produção de centralidades através de imagens – em muitos casos – contudo, não vem contestando o *status quo*.

Cabe aqui dizer, que este estudo trata de uma cidade em contexto de fronteira, que não condiz com moldes metropolitanos. Logo, tenho a singularidade de uma discussão urbana que aborda um espaço com um histórico que a princípio foi colônia militar (final do século XIX) a qual se agregou uma área protegida (Parque Nacional) na década de 1910, e uma usina hidrelétrica (Itaipu, com o início da construção na década de 1970). Quanto ao turismo, começou a ser considerado como uma possibilidade econômica para a cidade na década de 1930. (SOUZA, 2009); e atualmente, no contexto de Foz do Iguaçu, é um fator determinante no que diz respeito à produção de imagens indicadoras e/ou promotoras de centralidades urbanas.

Considerando os estudos de caso já realizados, que predominantemente dizem respeito à cidade de Foz do Iguaçu – mas que inevitavelmente, também aparecem as cidades transfronteiriças –, este trabalho propõe-se a desenvolver considerações finais referentes àquilo que foi desenvolvido durante a pesquisa, tal qual a geração de produtos gráficos e bibliográficos.

## **1 – Definições sobre centralidades**

Quando falamos em localidades centrais, é muito comum pensarmos especificamente em uma região urbanizada que possui uma toponímia que designe um lugar como o “centro da cidade”. Na primeira metade do século XX, teóricos se encarregaram de postular algumas definições sobre a urbe, considerando “determinada localização”, no contexto da crescente expansão da sociedade capitalista.

As centralidades urbanas podem ser lidas em diferentes escalas, podendo ser interurbanas – escala mais abrangente, englobando mais de um núcleo urbano ou regiões metropolitanas –, ou intra-urbanas – que mais interessa neste trabalho.

Segundo o teórico suíço Walter Christaller (*mimeo.*)<sup>4</sup> citado por Corrêa (*mimeo.*), centralidade significa a importância relativa de um lugar em relação à região que lhe está em torno, ou o grau pelo qual a cidade exerce funções centrais. Logo, Christaller defende que serviços e bens são oferecidos por centralidades que são consumidos em “lugares dispersos”. A disposição desta função central produz necessariamente capital fixo, em localidade fixa, em oposição às ofertas itinerantes. É importante ressaltar, então, que a questão de serviços e bens ofertadas por centralidades são criadas a partir de demandas específicas.

Shubham (2016), nos conta que Christaller elaborou na década de 1930, suas ideias sobre localidades centrais, usando como modelo cidades localizadas ao sul da Alemanha. De maneira a se fazer compreender de uma forma fácil:

---

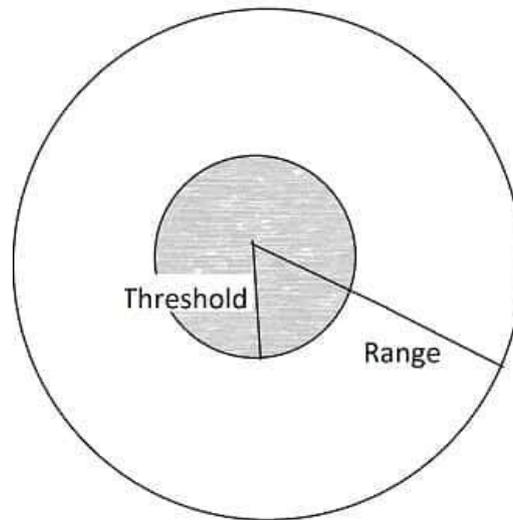
<sup>4</sup> Obtive acesso a este material que foi repassado pelo meu orientador, que durante seu mestrado, adquiriu uma apostila com textos em que Roberto Lobato Corrêa comentava a teoria de Christaller.

Quadro 1: - Premissas da organização urbana segundo Christaller (1933)

<i>Threshold</i> (Limite)	Um mínimo de população necessária para fazer um serviço viável em uma localidade em particular;
<i>Range</i> (Alcance)	Distância máxima que alguém se dispõe a viajar e logo, aproveitar determinado serviço. Se esta distância ir para além do alcance, o custo-benefício será baixo e o consumidor não fará a viagem (Figura 2)
Um terreno uniforme e plano	Um terreno irregular dificulta o desenvolvimento da cidade, portanto, um terreno plano permite o crescimento desta;
Distribuição homogênea da população	Um terreno irregular dificulta o desenvolvimento da cidade, portanto, um terreno plano permite o crescimento desta;
Invariável distribuição de recursos	As pessoas não se concentram especificamente em um lugar, muito menos existe uma preferência por uma cidade em especial;
Poder de compra similar	Tal qual a distribuição de recursos e população, a renda também é bastante distribuída. Desta forma, as pessoas possuem similares poderes de compras;
Preferência por mercados próximos	As pessoas vão dar preferência aos mercados mais próximos e evitarão grandes deslocamentos. Isto proporciona constantes preços de acordo com outros pressupostos;
Custos de transporte equitativos (proporcional à distância)	O custo decorrente aos transportes de mercadorias é igual para todos e é proporcional à distância;
Competição perfeita	O preço se baseará na demanda, tal qual o fornecimento. A população opta pela oferta de produto mais barata, nenhum vendedor terá qualquer tipo de vantagem em relação à outros vendedores.

Fonte: Elaboração própria a partir de SHUBHAM (2016).

Figura 1 Limite (threshold) e Alcance (range) definidos por Christaller.



Fonte: SHUBHAM (2016).

Aponta-nos Shubham (2016), contudo, que a teoria de Christaller “é amplamente estimada e utilizada”, mas que, “no entanto, possui suas próprias limitações”. Se levarmos em consideração o sistema econômico capitalista, as premissas básicas já são defeituosas. Por exemplo: ela ignora que o Estado desempenha um papel importante ao influenciar a organização espacial das localidades centrais; assim como não existe igualdade na distribuição de renda e/ou recursos e mercadorias (ibid.).

Dentre as inúmeras definições sobre centros urbanos, as proposições de localidades centrais em países subdesenvolvidos por Corrêa (2001) são mais condizentes com a realidade da América Latina. Para o autor, existem três tipos de organização de determinados espaços, que se caracterizam como centrais, sendo eles: redes dentríticas de localidades centrais, mercados periódicos, e divisão da rede em dois circuitos. Tais classificações de Corrêa, podem ser descritas no quadro 2.

Quadro 2: Definições de centralidade segundo Corrêa (2001)

Centros dentríticos	São redes urbanas ramificadas, que geralmente possuem origem colonial, com a valorização dos territórios conquistados pelo capital europeu. Logo, devido a isto, temos a fundação de uma cidade estratégica localizada e excentricamente localizada, face a uma futura hinterlândia (CORRÊA, 2001, p. 44)
Mercados periódicos	São definidos como núcleos de povoados pequenos, que via de regra, periodicamente se transformam em localidades centrais. Sejam eles em curtos períodos de tempo, que podem ser épocas de safra, ou com uma periodicidade ainda menor, podendo ser uma vez ao mês, ou até mesmo a cada semana (CORRÊA, 2001, p. 50)
Os dois circuitos da economia urbana	Aqui, temos dois setores econômicos, um inferior, que conta geralmente com uma produção não intensiva, serviços não-modernos e comércio local, este, muitas vezes se destina à população mais pobre. Há também um circuito superior, que se caracteriza por serviços de maior amplitude, setor de exportação e serviços modernos, que são acessíveis para as camadas mais ricas da sociedade. No entanto, estes dois circuitos interdependem entre si, além de que a classe média se utiliza destas duas esferas (CORRÊA, 2001).

Fonte: CORRÊA (2001)

Para o presente estudo, verifiquei uma maior identificação da última proposição de Corrêa (2001), a que determina que as localidades centrais se dividem entre dois circuitos da economia urbana. Trata-se de uma proposição originalmente feita por Milton Santos, na década de 1970, que apresentou a economia urbana dividida em dois principais circuitos: um superior, e um inferior. Este tema será tratado e aprofundado no próximo capítulo.

Considerando uma escala mais intraurbana, de acordo com – o autor clássico da Escola de Chicago de sociologia urbana –, Robert Park (1915, p. 579), a cidade em si não pode regular os valores da terra, são as grandes empresas regulam o planejamento urbano, estas, determinam limites, assim como o zoneamento dos distritos residenciais e industriais. Para o autor, não há controle ou projeto, uma vez que a cidade possui uma organização que facilita a segregação, baseada muitas vezes em interesses econômicos.

De acordo com as considerações feitas pelo teórico estadunidense, há um homem individual, que acaba sendo favorecido por uma

facilidade de mobilidade, que se torna possível não apenas pela comunicação, ou pelo transporte, mas também pela segregação urbana, criando diferentes mundos para diferentes indivíduos (PARK, 1915, p.608). É importante entendermos que Park aborda somente as cidades estadunidenses metropolitanas, denominadas *Great cities* (cidades grandes).

Para outro teórico da Escola de Chicago, Ernest Burgess (1925), a cidade se configura a partir de um modelo em que diferentes classes sociais se distribuem em um espaço urbano, conformado de maneira concêntrica, divididas em cinco diferentes tipos de zonas (Figura 2). Tal estrutura intraurbana, segundo Burgess (1925) se organiza segundo o quadro 3.

Quadro 3: Organização urbana segundo Burgess (1925)

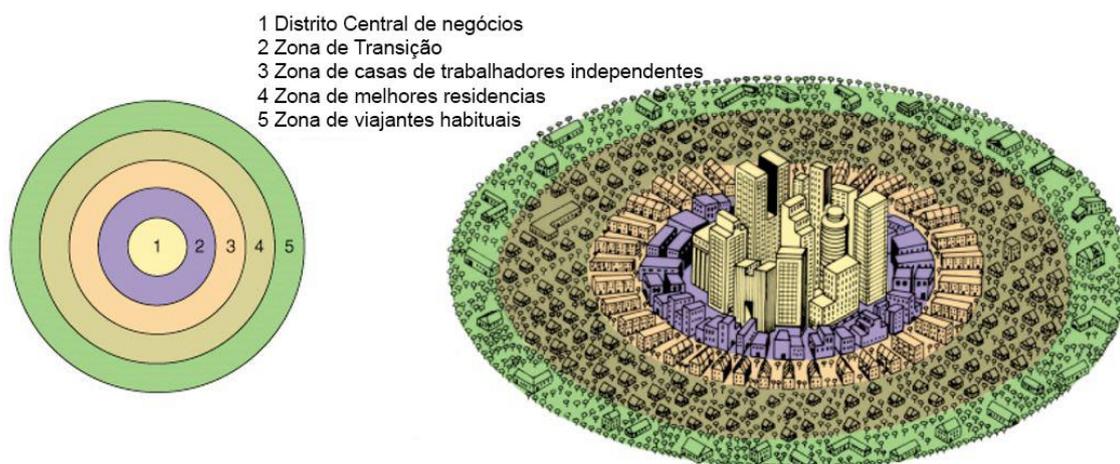
Zona I - <i>Central Business District</i> (Distrito de Negócios Central)	Se localiza no núcleo do espaço Urbano, onde haveria um grande número de edifícios capazes de multiplicar a terra ao máximo possível, através da verticalização, com atividades terciárias visando um alto retorno econômico;
Zona II - Áreas industriais	A segunda Zona, seriam áreas deterioradas, que cercam o CBD – o autor as chama de zonas de transição –, com uso misto do solo, entre comércio e residências. Aí o valor das terras é baixo, logo, as pessoas mais pobres ocupam tal área com moradias precárias. Para Burgess, tratar-se-iam de “terras ruins”. Nesta região, a taxa de criminalidade e “vícios” é alta, bem como a superpopulação;
Zona III - Subúrbios centrais	O uso é majoritariamente residencial, com condições de moradias melhores que os blocos residenciais localizados na zona de transição. Ainda assim, possuem condições de vida modestas. Esta área geralmente abrangeria, segundo o autor segundas gerações de imigrantes, trabalhadores de fábricas e lojas. Burgess aponta que este setor é habitado pela população que “fugiu” do gueto e que, de alguma forma, tentam imitar um padrão judaico-alemão. A população do “gueto” (zona II), denomina esta área como Deutschland (Alemanha), parte por inveja, ou até mesmo por escárnio (BURGESS, 1925, traduzido por BARBOSA, 2017 p. 67).
Zona IV - Subúrbios exteriores/ “casas do colarinho branco”	Na quarta Zona, viveria a classe média, com condições melhores de vida, grandes residências contando por exemplo com espaços livres e parques, – o que compensaria o elevado custo de deslocamento em relação ao CBD.
Zona V - <i>Commuter zone</i> (zona de viajantes habituais)	A última zona, seria a região mais periférica deste modelo, de densidade populacional menor, onde viveriam aqueles que usufruem de serviços modernos, grandes jardins e que podem arcar com altos custos de deslocamento.

Fonte: Elaboração própria, baseada em ADMIN (2016).

Em outras palavras, Burgess nos informa sobre um modelo de segregação socioespacial no qual as famílias com menos condições financeiras – geralmente, imigrantes – viveriam próximo ao local de maior centralidade urbana – centro físico e de negócios – porém, próxima a indústrias poluidoras – ; ao passo que as mais ricas se estabeleceriam nos subúrbios, com mais amenidades ambientais.

Tais processos de exclusão, diferenciação sociocultural e espacial não apenas denunciam a luta de classes – mesmo que de forma não intencionada pelo teórico da Escola de Chicago –, como também contribuem para a manutenção do *status quo*. Nas palavras de Burgess (op. cit., p. 67) a segregação “oferece ao grupo e, portanto, aos indivíduos que compõem o grupo, um lugar e um papel na organização total da vida da cidade. A segregação limita o desenvolvimento em certas direções, mas o libera em outros”.

Figura 2: Esquema de cidades concêntricas de Burgess (1925).



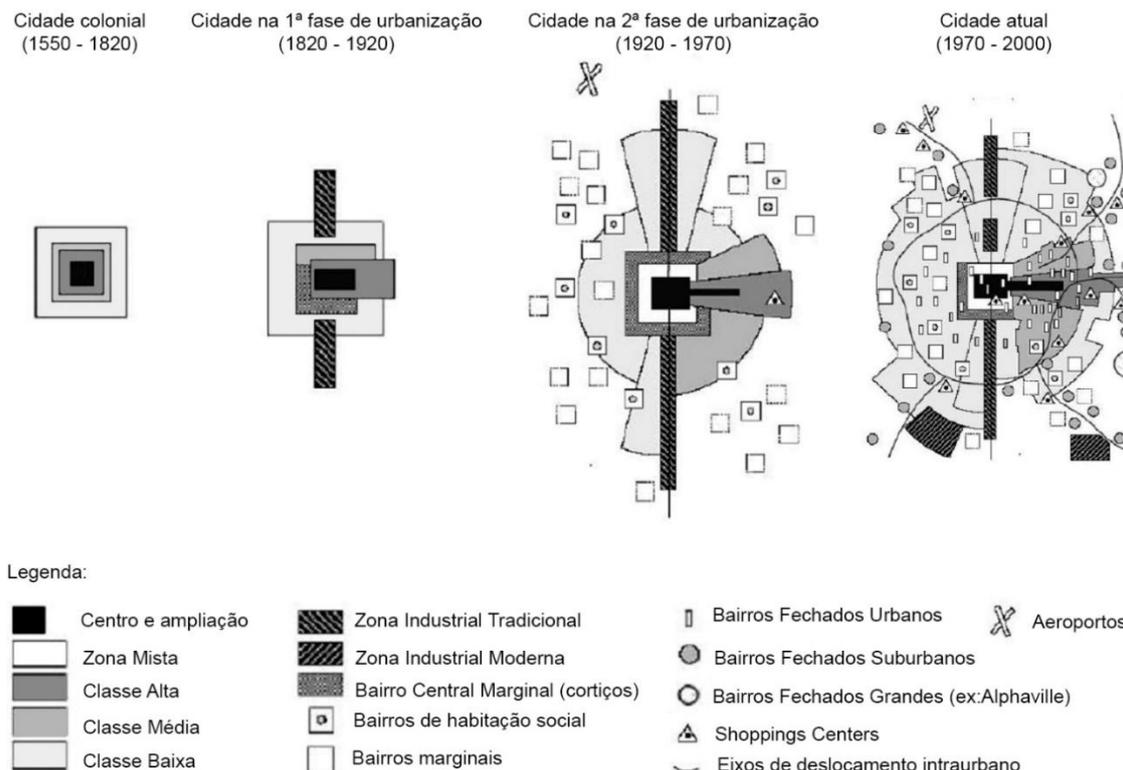
Fonte: ADMIN (2016).

Palen (1975), analisando o autor, mostra que este modelo concêntrico só condiz com a realidade estadunidense de urbanidades mais antigas, consolidadas, não servindo para explicar o contexto latino-americano, africano, asiático e europeu, as conformações espaciais são outras.

Diferente das teorias estadunidenses sobre cidade e conformação socioespacial, na década de 1970 os interesses sobre o tema de modelos urbanos latino-americanos começaram a aparecer na forma de teorias formuladas por estudiosos alemães (Borsdorf, 2003). Em um consenso, Bähr,

Borsdorf e Janoschka, chegaram a um modelo que condiz com as cidades de passado colonial: com o período colonial propriamente dito (1550 - 1820); um primeiro estágio de urbanização marcado pela migração europeia (1820 - 1920); uma segunda etapa marcada pelo êxodo rural e migração interna (1970 - 2000); cidade contemporânea (2000) (Figura 3).

Figura 3: Modelo de cidade latino-americana segundo Bähr, Borsdorf e Janoschka (2003).



Fonte: BORSDORF (2003).

De acordo com Borsdorf (2003, p. 40), o contexto latino-americano, partindo de um pressuposto colonial, se desenvolveria a partir de um molde formatado por um centro cívico, onde majoritariamente se situa a plaza de armas, ou plaza mayor, por exemplo (Figura 3). A partir de 1820, época da colônia, elementos urbanísticos oriundos da Europa passaram a se legitimar na urbe latino-americana – os boulevards inspirados em Haussmann são elementos marcantes na paisagem, por exemplo (BORSODRF, 2003). A partir disto, segundo o autor, o estabelecimento das classes mais altas se dá às margens do boulevard principal, ao passo que as indústrias têm localização próxima às linhas ferroviárias que conectam diferentes áreas do país. Até 1920, a indústria não se mostrou muito proeminente e, por isso, a alternativa para as

economias nacionais foi recorrer à exportação desde produtos agrícolas até recursos minerais. Neste período, iniciou-se a ocupação de casas abandonadas, por parte dos trabalhadores, dando origem aos primeiros bairros operários (BORSODORF, 2003, p. 43).

A partir de 1920, com figuras Estatais tomando providências que intensificaram o processo de industrialização da América Latina como um todo, o crescimento urbano se reforçou em torno das linhas férreas e das grandes rodovias. As classes mais baixas, de certa forma, se expandiram em localidades centrais, naquilo que Borsdorf chama de “áreas de passagem”, denominados como *conventillos*<sup>5</sup>, ou cortiços, em português. Ao mesmo tempo em que surgiam os bairros periféricos, situados em localidades afastadas do centro, sejam estas *barriadas*, ou favelas, que por sua vez, possuíam um caráter de habitação precária. Vale considerar também as construções de habitação social, que foram estabelecidas em regiões isoladas. Em contrapartida, surgiram também os bairros de luxo e clubes campestres – muito comuns nos Estados Unidos e reproduzidos na América Latina – em áreas afastadas (BORSODORF, 2003).

Da década de 1970 em diante, segundo Borsdorf, mantiveram-se de períodos anteriores tendências setoriais-lineares e o crescimento celular. Nem as linhas de trem, como as rodovias centrífugas servem para escoar a “situação” do trânsito atual – elas perderam sua importância e modernas autoestradas são construídas, pela iniciativa privada e pelo Estado, com vistas a dar conta da demanda de fluxos intraurbanos. Existe um exponencial surgimento de novos condomínios por toda a América Latina, com a diferença que não somente os bairros de classe alta se amuralham, mas setores de baixa e média renda também se sujeitam à vigilância e as extremas situações de segurança (BORSODORF, 2003).

Diferentemente do modelo proposto por Burguees em 1925 (Figura 2), a configuração que em um primeiro momento foi colônia, se fragmenta de tal maneira a induzir a periferia a ter um maior tempo de deslocamento em

---

<sup>5</sup> *Conventillo* é o equivalente em espanhol ao termo cortiço, que seria um grande casarão em condições precárias utilizado para a coabitação massiva de diferentes famílias, em compartimentos com dimensões mínimas. Compartilham estas famílias as áreas de uso comum e um mesmo sistema hidráulico, ou seja, um banheiro serve aos variados quartos dispostos no edifício.

relação à um suposto CBD<sup>6</sup>. Também é certo que as pessoas que vivem nos lugares mais dispersos estão fadadas a gastar mais tempo com o deslocamento aos seus possíveis locais de trabalho, assim como nas “*Zonas de viajantes habituais*”.

Apesar das considerações de Borsdorf sobre a cidade latino-americana, a situação de Foz do Iguaçu é diferente: a cidade não possui um passado histórico europeu-colonial. A cidade só foi consolidada em 1914, desde os fins do século XIX, tratava-se de uma área de extração de madeira e mate, bem como uma colônia militar (BUCHE, 2014) (SOUZA, 2009).

Mesmo a partir de algumas considerações acerca de um centro urbano físico, em alguns casos, aquilo que se sobressai em termos econômicos, turísticos e simbólicos, está fora de uma conformação nuclear urbana. Por exemplo, o geógrafo francês Jérôme Monnet, citado por Name e Silva (2016, p. 251), afirma que para diferentes grupos de pessoas existem especificidades que podem caracterizar como centrais determinadas áreas, mesmo que elas sejam dispersas e fragmentadas na cidade.

Na mesma direção, Lynch ([1960] 2011) demonstra que há componentes morfológicos e, portanto, visuais e perceptivos, na constituição de centralidades. Ele defende que existem pontos marcantes na imagem<sup>7</sup> da cidade, geralmente objetos físicos como edifícios, sinais, lojas ou montanhas, por exemplo. Estes pontos podem estar dentro ou fora da cidade, serem vistos de diferentes localidades, ou contrastarem com elementos que os circundam. Para além disto: “O número de elementos locais que se tornaram objetos marcantes parece depender tanto da familiaridade do observador com os seus arredores como dos próprios elementos” (LYNCH, [1960] 2011 p. 93). Em outras palavras, estes pontos importantes não precisam necessariamente ser elementos arquitetônicos localizados em meio ao tecido urbano, como menciona o autor: “podem aparecer isolados, aspectos únicos sem um reforço especial.” (LYNCH, 1960, p. 94).

---

<sup>6</sup> Sigla para *Central Business District* (distrito central de negócios, presente no modelo proposto por Burguees).

<sup>7</sup> A imagem aqui discutida por Lynch trata-se muito mais de um elemento que se repete, não se trata necessariamente de uma representação com um suporte técnico que poderia ser reproduzido em massa, como será discutido adiante. Trata-se de uma teoria da percepção.

A escritora estadunidense Jane Jacobs, afirma que um centro pode ter um reforço simbólico a partir de um algum ponto de referência (JACOBS, [1961] 2011, p. 94). De forma sistemática, a centralidade possui elementos de valor e, sendo assim, uma diversidade de pessoas, usos e propósitos de utilização em diferentes horários em espaços públicos. Um dos pontos principais da autora seria a crítica ao modernismo arquitetônico – que propunha uma racionalização tanto arquitetônica e urbanística universal. Neste caso, Jacobs (ibid.) menciona que os espaços livres deste movimento arquitetônico, se encontravam esvaziados.

Os referenciais teóricos, até aqui, abordaram, ou, melhor ainda, foram pensados a partir de espaços metropolitanos. Para o contexto deste trabalho, uma região de transfronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, é necessário analisarmos determinada área através de uma bibliografia que elucide sobre questões como cidades gêmeas, médias, fragmentadas e turísticas. O recorte deste estudo pede a atenção de uma literatura que aborde circunstâncias diferentes de uma grande metrópole, ao mesmo tempo que dê conta de sistematizar uma complexa conurbação que se dá entre três países.

No que diz respeito às cidades gêmeas, o Art.1º do Ministério da Integração (2014) define o conceito de cidades gêmeas da seguinte forma:

Serão consideradas cidades gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, integrada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar a unificação da malha urbana com cidade do país vizinho. Não serão consideradas cidades gêmeas aquelas com população inferior a 2 mil habitantes.

Para Dorfman e Roses (2005) citado por Oliveira e Silva (2008), cidades gêmeas são:

[...] pares de centros urbanos, frente a frente em um limite internacional, conurbados ou não, que apresentam diferentes níveis de interação: fronteira seca ou fluvial, diferentes atividades econômicas no entorno, variável grau de atração para migrantes e distintos processos históricos.

Com isto, tais cenários servem para uma recorrente análise político-econômica de situações de integração sul-americana de países contemplados pelo MERCOSUL (ibid). Ainda para estes autores, cidades gêmeas se estruturam como redes urbanas complementares e interdependentes, trazendo um exemplo de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). No entanto, se esta análise se der através de um enclave paraguaio, a região fronteiriça do país vizinho passa a ser uma continuidade econômica do Brasil, uma vez que as decisões de investimento de capital são tomadas pelo lado brasileiro (ibid. p.4).

De acordo com Andressa Lourenço Silva (2013), existe um amplo debate teórico-metodológico referentes ao conceito de Cidades Médias. Muito se fala sobre um espaço urbano de “médio porte” levando em conta as proporções demográficas, ou extensão física, como elementos que contribuam para uma definição que delimite um meio termo entre cidades pequenas e cidades grandes.

Para Milton Santos (1993), citado por Silva (2013), é preciso ter cautela na análise de dados demográficos que classifiquem a proporção de determinado espaço, pois o que seria uma cidade média nas décadas de 1950/1960, não corresponderia a mesma situação nos anos 1970/1980.

A explicação que mais me chamou a atenção no debate sobre cidades médias é a posição defendida por Leitzke e Fresca (2009, p.7) citado por Silva (ibid, p.66):

[...] atualmente a globalização permite-nos ir além da simples relação entre duas cidades separadas apenas por um nível hierárquico. Ou seja, a população de uma cidade pequena não precisa recorrer mais à cidade média como elo à grande. A evolução dos meios de transporte e das comunicações permite que se vá diretamente à grande cidade, ou mesmo à metrópole. Com a internet, por exemplo, pode-se comprar quase qualquer coisa de quase qualquer parte do mundo sem sair do lugar, sentado na própria sala da casa.

Em outras palavras, segundo Silva (ibid) isto nos remete a Teoria das Localidades Centrais de Christaller, em que diferentes locais desempenham funções e atividades específicas. Logo, pode-se apontar determinada importância e magnitude de uma rede urbana, levando em conta, por exemplo,

sua área de influência e dados socioeconômicos relativos aos habitantes desta região, revelando um caráter qualitativo da definição de cidades médias.

Levando em conta tais constatações, é relevante entender que as centralidades simbólicas devem ser consideradas, inclusive podem ter relações com atividades econômicas. Muitas vezes, esta produção de símbolos se origina através da divulgação de imagens, mesmo que estes ícones não possuam necessariamente uma ligação com centralidades físicas. Estas imagens possuem certa dualidade: existem em função de atividades/centralidades econômicas – o turismo é um ávido produtor de imagens, para fins de propaganda, no caso do presente estudo –; assim como conferem o *status* de centro simbólico para os objetos representados.

## **2 – Produção de imagens, circuitos econômicos e cidade**

Devemos considerar que nosso contexto social está estritamente ligado à questão do consumo, em um sistema econômico que transforma tudo que está ao seu alcance em mercadorias.

Para além da exploração do proletariado, Benjamin ([1936] 1955) defendia que Marx elaborou prognósticos acerca do capitalismo. Benjamin defendeu também uma dialética relacionada à evolução da arte, que não seria menos importante do que a superestrutura econômica. São os inúmeros frutos do que Walter Benjamin chamou de “era da reprodutibilidade técnica”. A começar, pouco antes da litografia consolidar-se como uma técnica artística que pudesse ser replicada no mesmo nível da imprensa, a fotografia a superou, ao que se seguiu o cinema. Disse o autor:

Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral (ibid., p.1).

À época de Benjamin, a fotografia se encontrava em um estágio que não se compara ao paradigma digital que temos hoje. No entanto, o caráter

mimético das obras fotográficas, não só impressionava mais que as demais artes visuais, como trazia uma novidade: a fácil reprodução.

Outro ponto importante é que a fotografia e o filme não teriam “aura”. Mas o que é a aura?

É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho (ibid., p.3).

A perda da aura de um objeto artístico seria metaforicamente como a remoção de um invólucro, retirando-lhe o caráter de fenômeno único. Seguindo este raciocínio, a era industrial da reprodutibilidade inviabilizaria, segundo o autor, a unicidade da aura, já que passa a ser possível, na modernidade industrial, que uma mesma obra seja multiplicada tantas vezes quanto possível. Ao contrário do que foram uma vez as peças artesanais, sobre as quais um mestre detinha a técnica a ser transmitida para um aprendiz, daquele momento em diante elas já poderiam ser copiadas em uma escala semelhante à industrial.

Dada tal discussão, a possibilidade da reprodução em massa da fotografia tem consequências para as imagens de cidades. Name e Silva (2016, p. 251) mencionam, sobre essa produção, que há:

as imagens de pontos específicos de uma cidade que, narrados como turísticos, são avassaladoramente reproduzidos: a estátua do Cristo Redentor, as pirâmides no Cairo, ou a Torre Eiffel, por exemplo, são massivamente repetidos em folhetos turísticos, cartões-postais, guias e anúncios de viagem, servindo de recurso metonímico de representação não só das cidades como também dos países onde estão localizados.

É de suma importância conciliarmos estas considerações com os estudos de Sheller e Urry (2006), que apresentam o chamado “paradigma das novas mobilidades” (PNM). Interessa-me desta teoria de ampla abrangência temática sua defesa de que, com a tecnologia atual de fácil acesso à internet e uma maior produção, reprodução e difusão de imagens por meios digitais, existe um fluxo massivo de imagens que é semelhante à massiva mobilidade de

peçoas, matérias-primas e produtos normalmente descritas nos estudos focados na globalização contemporânea.

É neste sentido que o PNM advoga que os dispositivos eletrônicos existentes viabilizam o que a autora e o autor denominam como “viagens imaginativas”, feitas quando diante de imagens por pessoas “normalmente experimentando ou antecipando a imaginação da atmosfera do lugar” (SHELLER e URRY, 2006, p. 218). Em sua maioria, essas imagens são representações de paisagens, que, por sua vez, para se configurarem como tal, necessitam de investimentos em tecnologias de representação e espetacularização (FREIRE-MEDEIROS e NAME, 2017).

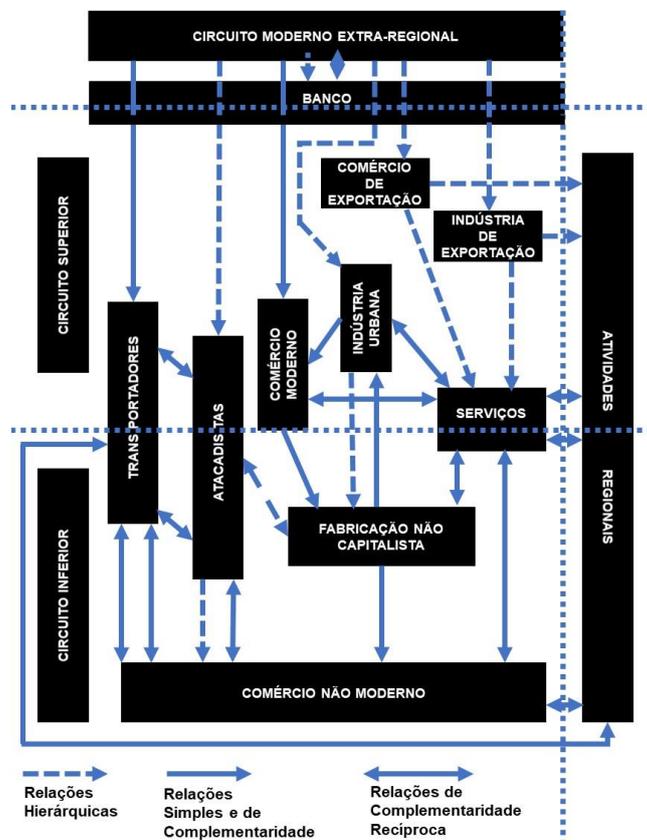
Viso aqui a utilizar os aportes de Benjamin e do PNM para aprofundar a discussão que diz respeito aos circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos. Trata-se de uma teoria que foi desenvolvida a partir dos anos de 1970 por Milton Santos, e que vem desde a década de 1980 sendo revisitada por geógrafas e geógrafos, como: Corrêa (1988 e 1996), Sposito (1983 e 2000), Silveira (2004 e 2007) Montenegro (2010 e 2012) e Leite (2011). Importa para a abordagem deste trabalho, compreender que, apesar de se tratar uma teoria da década de 1970, por uma parte alguns paradigmas econômicos e espaciais se mantiveram; por outra, alguns “novos” conceitos devem ser levados em consideração.

De acordo com Santos ([1979] 2008), os circuitos da economia são resultados de processos de modernizações, que de maneira generalista, seriam inovações tecnológicas oriundas de períodos imediatamente precedentes (SANTOS, [1979] 2008, p. 31). Dados tais avanços, há uma relativamente baixa produção de empregos por parte da indústria nos países subdesenvolvidos. Algo parecido ocorre com a agricultura, que com baixos efetivos acaba explicando o êxodo rural (SANTOS, [1979] 2008, p. 35). Logo, tem-se diferenças abissais entre uma boa parcela da população urbana, com salários baixos vivendo de atividades ocasionais, enquanto uma seleta minoria conta com uma renda bastante elevada em empregos formais. Assim, temos a criação e manutenção, nas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços, com suas diferenças qualitativas e quantitativas (SANTOS, [1979] 2008, p. 37). Para Santos (2008, p. 40)

pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não-“capital intensivo”, pelos serviços não-modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão.

As relações entre os dois circuitos mantêm uma ligação de coexistência. Seus vínculos podem ser: hierárquicos, simples complementares, e de complementaridade recíproca (Figura 4). Cada circuito se define pelo conjunto das atividades realizadas em certo contexto, e o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo (ibid., p. 42). Ainda assim, os circuitos inferior e superior econômicos não se direcionam exclusivamente às camadas mais pobres, ou mais ricas (Figura 5). A relação entre os dois circuitos se estabelece uma vez que indivíduos pertencentes à parte inferior da economia urbana vendem sua força de trabalho para o cenário superior, mesmo que estas sejam temporárias ou ocasionais.

Figura 4: Organização dos circuitos da economia segundo Santos ([1979] 2008)

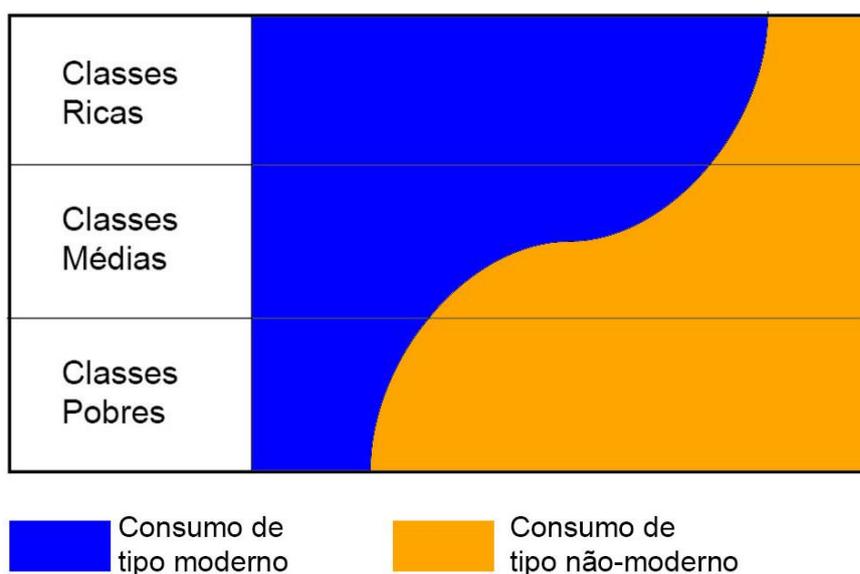


Fonte: Santos ([1979] 2008) (Adaptado)

Sposito (1996, p. 50) comenta sobre a perversidade da acumulação de capital, que a partir da década de 1980, com a consolidação do neoliberalismo bem como a globalização na forma de consumo de mercadorias, se torna muito mais visível. Neste contexto, a teoria dos circuitos inferior e superior, segundo o autor torna-se ainda mais validada. Melhor dizendo: determinadas tendências então percebidas na década de 1990 foram antecipadas pela teoria de Milton Santos.

Marina Montenegro (2007 e 2013) afirma que o circuito inferior – ao menos o metropolitano – vem, desde a década de 1990 se alargando, conformando quase 99% dos empreendimentos no Brasil (Cf. MONTENEGRO, 2013). Assim como aumentou a abrangência, o que Montenegro (2009), chama de “desvalorização” de áreas antes ocupadas por atividades “modernas”. Analisando o caso de São Paulo, por exemplo, demonstra que o circuito inferior alocado no centro da cidade, possui uma infraestrutura degradada, instalada em edifícios das décadas de 1940 e 1950 (ibid, p.41). No entanto, a autora também percebe que o circuito inferior não pertence unicamente às áreas mais periféricas do espaço urbano, adaptando-se ao seu espaço construído, seu contexto e aos processos de modernização.

Figura 5: Acesso ao consumo de acordo com Santos ([1979] 2008)



Fonte: Santos ([1979] 2008, p.42) (Adaptado)

Montenegro (2014) descreve o processo de adaptação pelo qual o circuito inferior de Fortaleza, no Ceará, passa: desde a feira de comércio de artesanato, aos ambulantes que comercializam produtos na areia da praia. O circuito inferior, é adaptado ao atendimento à demanda de turistas alojados nos grandes hotéis da orla da praia. No entanto, neste caso, o circuito superior metropolitano, composto majoritariamente por redes hoteleiras internacionais que em até determinado momento terceirizavam parte de seus serviços com o circuito inferior, passa a relacionar-se com outras grandes empresas, por exemplo, a lavanderias industriais (ibid.).

Referindo-se a Santos (1991), Montenegro (2013, p. 33) cita a “flexibilidade tropical”<sup>8</sup> que seriam as alternativas de renda, nas grandes cidades, promovidas no âmbito do circuito inferior. Por exemplo: chaveiros que vendem bijuterias, bancas de jornal que oferecem a conversão de fitas K7 para CD, salões de cabeleireiros que transformam VHS em DVD, entre outros (ibid.).

Além desta adaptabilidade na comercialização de produtos, Montenegro (2013, p.37) menciona sobre a facilidade de divulgação e promoção do circuito inferior através da propaganda auxiliada pela internet. Para a autora (ibid.),

Em muitos casos, a elaboração destas formas de propaganda envolve custos, seja através de sua terceirização para gráficas ou de sua elaboração pelos próprios pequenos estabelecimentos. Se em um período anterior o circuito inferior não despendia gastos com a publicidade, hoje esse tipo de custo assume uma importância crescente em sua contabilidade.

O circuito inferior, acabou modernizando-se, mesmo com atividades de baixo fluxo de capital, possibilita atualmente não só uma interdependência com o circuito superior, mas também uma intradependência. Assim, diferentes tipos de atividades corroboram entre si dentro do circuito inferior, se considerarmos as colocações de Montenegro (ibid). No próximo

---

<sup>8</sup> A expressão “trópico” é um termo problemático, pois faz referência a uma espacialidade estereotipada. Segundo Martins (2000), citado por Name (2013, p.54) existem casos de veiculação midiática de trópico como um inferno, ou paraíso – tropical – : um espaço de natureza deslumbrante, seguido por um senso de espanto relativo à uma natureza descoberta, que por vezes também assume um viés de rejeição e rebaixamento.

capítulo, verificar-se-á como este processo – de propaganda e divulgação de atividades do circuito inferior – ocorre na Tríplice Fronteira.

Corrêa (2001) afirma que as considerações de Milton Santos enriqueceram e ultrapassaram as teorizações feitas por Christaller sobre as localidades centrais. Sua análise é muito mais relacionada a um recorte intraurbano, uma vez que, por exemplo, os circuitos inferiores se sobressaem considerando cada localidade. Se por um lado, em cidades intermediárias, há forte atuação de ambos os circuitos, por outro lado, na metrópole, o circuito superior é mais determinante nas definições de centralidades (CORRÊA, 2001). Pode-se acrescentar, também, que as atividades do circuito superior tendem a ganhar dimensões para além do local, i.e., interurbanas, inter-regionais e globais, caso a caso.

Faz-se necessário mencionar também, a teoria de Corrêa (1989) sobre os agentes produtores do espaço urbano, que somada às teorias dos circuitos de Milton Santos, podem auxiliar na compreensão relação entre centralidades através da produção de imagens. Em outras palavras, imagem e território se relacionam em um processo de construção concomitante. Para o autor, o espaço urbano se configura a partir da complexidade de ações de agentes sociais que, a partir de suas práticas, desencadeiam diversos processos, sendo eles (CORRÊA, 1989, p.11):

incorporação de novas áreas ao espaço urbano; densificação do uso do solo; deterioração de certas áreas; renovação urbana; relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade.

De forma bastante resumida, o quadro 4 sintetiza os objetivos de cada grupo social na produção do espaço urbano:

Quadro 4: Agentes produtores do Espaço

Proprietários dos meios de produção	devido à sua demanda de terrenos grandes e baratos para atender a dimensão de suas atividades realizadas, são grandes consumidores do espaço. Para viabilizar seus serviços, precisam de localizações favoráveis para o escoamento da produção – sejam portos, ferrovias, ou àquilo que facilite o acesso da população (ibid. p. 13)
Proprietários fundiários	estes agentes visam a maior produção possível de mais-valia através de suas terras, atribuindo usos comerciais, ou residenciais de status alto. Possuem interesse em transformar terras rurais em urbanas, considerando que seu valor de troca é mais rentável. Estes podem atuar em conjunto com o Estado afim de viabilizar seus interesses econômicos (ibid. p. 16)
Promotores imobiliários	estes, particularmente desenvolvem várias operações no consumo e na produção do espaço, sendo elas: a) incorporam, ou seja, trabalham desde a transformação através da gestão capital-dinheiro, das terras em mercadoria, até a fase de propaganda dos imóveis; b) financiam a partir do capital proveniente de pessoas físicas ou jurídicas, viabilizando a compra do terreno até a construção do imóvel; c) estudo técnico feito por arquitetos e economistas, analisando a viabilidade técnica da obra, verificando parâmetros estabelecidos pelo incorporador, até a legislação vigente; d) construção física do imóvel; e) comercialização, nesta etapa, profissionais da propaganda se encarregam de divulgar e logo, transformar o capital-mercadoria em capital dinheiro (ibid. p. 19-20)
Estado	este, possui diversos instrumentos para a transformação do espaço, que podem ser: direito de desapropriação e precedência na compra de terras; regulamentação do uso do solo; controle e limitação dos preços de terra; limitação da superfície da terra de que cada um pode se apropriar; impostos fundiários e imobiliários mediante localização e uso de terra; taxação de terrenos livres; mobilização de reservas fundiárias públicas; investimento público na produção do espaço através de infra-estrutura; organização de mecanismos de crédito à habitação; e controle de produção e do mercado deste material (ibid. p. 25)
Grupos sociais excluídos	no contexto específico da América Latina, dentro do sistema capitalista, a moradia acaba sendo um bem que grande parte da população não tem acesso. Estes agentes ocupam os antigos casarões que uma vez fora utilizado pelas classes ricas, i.e., cortiços; áreas distantes do centro, que podem ser bairros autoconstruídos, conjuntos habitacionais fornecidos pelo estado, e favelas (ibid. p.30)

Fonte: CORRÊA (1989).

Assim como consomem e produzem o espaço, estes agentes também produzem imagens. Dada a facilidade na produção de produtos imagéticos, independente dos circuitos pelos quais estes agentes permeiam. No entanto, a maioria dos agentes produtores do espaço fazem parte do circuito superior. No caso de Foz do Iguaçu, identifiquei alguns dos agentes: as empresas/proprietários dos meios de produção – vale ressaltar que o autor não menciona sobre o caráter multinacional de empresas consolidadas, como aparece, mesmo que com pouca frequência na Tríplice Fronteira –; os promotores imobiliários – mais adiante, veremos sobre a produção de imagens relacionadas a construção civil em Foz do Iguaçu – o Estado – que muitas vezes aparece aliado com a usina de Itaipu –; e grupos sociais excluídos – o trabalho

da Escola Popular de Planejamento da Cidade em Foz do Iguaçu, produz imagens.

Martin Jay (1993), citado por Gillian Rose (2001), defende que a modernidade, assim como a pós-modernidade, propiciou uma sociedade “ocularcêntrica” que equaciona a visão com conhecimento. Para Mirzoeff (1998) citado por Rose (2001),

[...] portanto a pós-modernidade é ocularcêntrica não simplesmente porque imagens visuais estão mais e mais comuns, nem porque conhecimento sobre o mundo está cada vez mais articulado visualmente, mas interagimos cada vez mais com experiências totalmente visuais.

Para Peter Loizos (2001), a imagem – seja ela uma fotografia, ou um vídeo acompanhado ou não de som – oferecem registros de acontecimentos concretos, de forma material. Sem a necessidade de texto escrito, como dados primários para análises de impacto no planejamento urbano, por exemplo. No entanto, imagens são meramente representações bidimensionais de um mundo tridimensional, passível de manipulação, logo, são claramente ideológicas (ibid).

Pode-se considerar como desdobramentos destas visualidades<sup>9</sup>, aquilo que Guy Debord (1983), denominou como sociedade do espetáculo, em que – o espetáculo – é a relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. Adiante, neste trabalho, mostrarei como ocorre a espetacularização de representações visuais, e a manipulação que acontecem através de computação, em minha área de estudos.

Relativo as cidades turísticas, sigo a mesma linha de raciocínio: diferentes fragmentos da rede urbana ofertam os mais diferentes tipos de serviços – adiante, explicarei como este processo se dá na Tríplice Fronteira, em que cada cidade apresenta uma funcionalidade específica para turistas –, assim como Gilmar Mascarenhas (2004, p.3) afirma:

[...] com uma urbanização esgarçada, na forma de uma metrópole difusa que estende pelo território, na medida em que um conjunto de cidades de pequeno e médio porte se

---

<sup>9</sup> Segundo Rose, visão e visualidade são termos distintos. Visão: aquilo que o olho humano é fisiologicamente capaz de enxergar; Visualidade: como a visão é construída de várias formas: ‘como nós vemos, como somos capazes, permitidos, ou feitos para ser vistos, e como vemos sem ver’.

articulam na oferta de serviços, bens, equipamentos e força de trabalho. Acreditamos que a urbanização turística se insere nitidamente neste processo, oferecendo serviços de lazer, turismo e moradia ou segunda residência de alto padrão, funcionando enfim como verdadeiros distritos de amenidades no conjunto da rede urbana.

Segundo Patrick Mullins (1991), citado por Mascarenhas (ibid. p.4), o termo “urbanização turística” se refere a formas específicas da produção do espaço urbano, especialmente quando o turismo se mostra como a atividade econômica mais preponderante. O autor ainda ressalta que com este molde de urbanização, há uma dedicação praticamente exclusiva voltada para o consumo de artigos direcionados à recreação, não de necessidades básicas como moradia e qualidade de vida para as pessoas que vivem neste contexto. Nitidamente, isto se reflete na morfologia urbana, como comenta Mascarenhas (ibid.) sobre o caso do interior Fluminense, no Rio de Janeiro.

Tal reflexo também aparece em Natal (RN), que apesar de ser uma metrópole – em uma realidade relativamente diferente de Foz do Iguaçu – Edmilson Lopes Jr. (1997) defende que foi construída uma imagem de “Cidade do Prazer” em torno da capital do Rio Grande do Norte, a partir de uma Via Costeira. O caso de Natal me parece recorrente aqui à título de comparação, por causa de uma suposta “natureza exuberante”, porém dominada, tal como acontece como a “deslumbrante natureza” dominada das Cataratas do Iguaçu. Como se não bastasse, em uma rápida busca no Google, os resultados de imagens sobre “Natal Rio Grande do Norte”, predominam as imagens sobre praias e oceano em contraste com os arranha-céus da metrópole; ao mesmo tempo em que uma pesquisa sobre Foz do Iguaçu, prevalecem as imagens do Parque Nacional do Iguaçu.

Em uma pesquisa pelo site Tripadvisor, site mundialmente conhecido por viajantes, em que seus membros cadastrados escrevem resenhas sobre cidades e atrações turísticas espalhadas pelo planeta, existe a página “Os 10 Melhores Destinos – Brasil”. Na mencionada página, Foz do Iguaçu aparece na oitava colocação com o anúncio de uma lista de “132 coisas a se fazer” as atrações de mais destaque são Cataratas/Parque do Iguaçu, que apesar de ligeiro afastamento do perímetro urbano, é o atrativo que mais chama a atenção de visitantes.

O que nos leva a outra questão a se considerar: a de cidades fragmentadas. Para Tanya Barcellos e Rosetta Mammarella (2001), a fragmentação do espaço urbano é consequência do projeto neoliberal aliado ao modelo hegemônico de globalização. Este processo produz diferentes modos de apropriação e de organização da malha urbana, logo, certo aumento nas desigualdades sócio-espaciais (ibid). Para Castells (1999, p.441) citado por Barcellos e Mammarella (2001, p.257), há uma hierarquização simbólica sócio-espacial, em que não apenas as classes economicamente favorecidas se isolam em seus condomínios de luxo, mas também há uma série de processos hierárquicos para a segregação de grupos com menor poder aquisitivo.

Um notável exemplo disto em minha área de estudos, são as vilas criadas durante a execução da barragem de Itaipu: operários e suas famílias foram alocados em um extremo norte da cidade, cerca de 10km da região central (Vila C); enquanto isso, aqueles que exerciam funções administrativas e engenheiros, por exemplo, se instalaram em áreas de maior proximidade ao centro físico (Vilas A e B).

### **3 – Centralidades e imagens em Foz do Iguaçu**

A atual conurbação entre Foz do Iguaçu, Ciudad Del Este e Puerto Iguazu, foi ocupada em meados do século XIX (BUCHE, 2014) (SOUZA, 2009). Em um primeiro período, caracterizou-se por um ciclo de navegações, com embarcações geralmente movidas à vapor (SOUZA, 2009). Na virada século XIX, para o século XX, a região se encontrava ocupada por exploradores de erva-mate e madeira, os chamados *obrageros*<sup>10</sup> (ibid.).

Um princípio de interesse por parte do Estado brasileiro na região foi manifestado pela implantação de uma colônia militar, como um ponto de partida para uma malha urbana, situada às margens do Rio Iguaçu em um ponto em que se unia ao Rio Paraná. Ponto este que seria sumamente

---

<sup>10</sup> Os obrageros, geralmente eram argentinos e paraguaios, segundo Buche (2014). Os exploradores argentinos foram os mais beneficiados pela introdução de determinado sistema em território brasileiro, uma vez que quem controlava geo-economicamente o sistema de navegação da Prata, era a Argentina, que também contava com subsídios de capital inglês (WACHOWICZ, 1982, p.44 citado por SOUZA, 2009, p. 31).

estratégico para as forças armadas brasileiras, que teriam a função de estabelecer a fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina (ibid.).

A colônia militar, não foi muito bem-sucedida, havia uma espécie de dependência da Argentina, no que diz respeito a bens de consumo que não passavam por nenhuma fiscalização; além disso, a moeda estrangeira e o idioma eram predominantes (SOUZA, 2009).

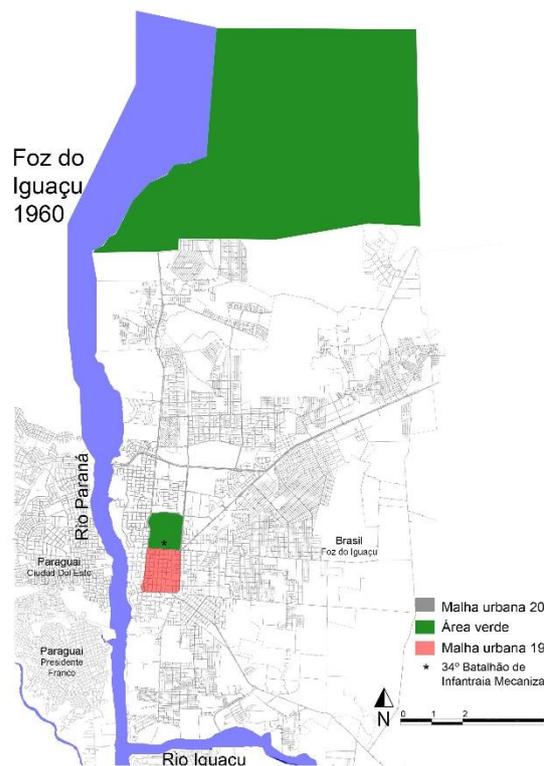
Foi somente no início da década de 1930 que a Marinha do Brasil se instalou em Foz do Iguaçu, assim como recebeu uma pista de pouso para pequenos aviões (BUCHE, 2014), mesma época em que o Estado visava a transformar a cidade em um grande centro turístico internacional (SOUZA, 2009).

A vocação turística de Foz do Iguaçu, serviu mais como um pressuposto para a construção de uma memória dominante, bem como uma atividade econômica lucrativa para elite local, a partir da década de 1970 (ibid., p.79)

A construção da usina de Itaipu na mesma década também rendeu a infra-estrutura necessária para o fortalecimento das bases econômicas que estruturariam as atividades turísticas, bem como o aumento dos fluxos de capital (ibid.). Com a potencial expansão da cidade, a elite local tratou de “produzir uma memória capaz de assegurar a importância dos grupos locais diante dos novos grupos que surgiam a partir do início da construção da hidrelétrica de Itaipu” (ibid. p. 80). Segundo a autora, esta construção se deu na forma de publicações no “Jornal de Foz” de 1970, na revista “Painel”, a partir de 1973; a revista “Memórias de Foz do Iguaçu”; no encarte “Foz 80 anos: Memória” de 1994; e no livro “Foz do Iguaçu: Retratos” de 1997; -- os dois últimos produzidos pela prefeitura municipal (ibid, p. 78-79).

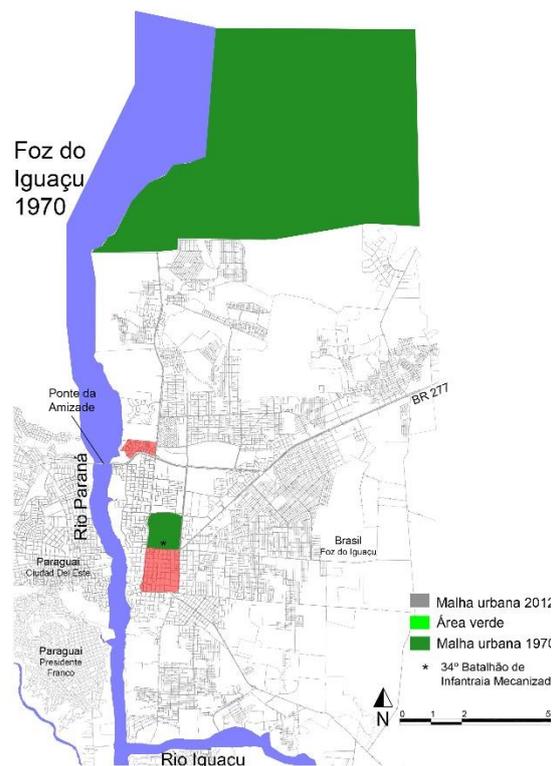
Por conta da usina, a população de Foz do Iguaçu aumentou exponencialmente na década de 1980, com um crescimento de cerca de 300% (THAUMATURGO 2012, p.123): foi um salto de em torno de 30 mil habitantes na década de 1970, para aproximadamente 150 mil no início da década de 1980 (IBGE, 2010). As figuras abaixo ilustram a correspondente expansão da malha urbana de Foz do Iguaçu.

Figura 6: Malha Urbana de Foz do Iguaçu em 1960



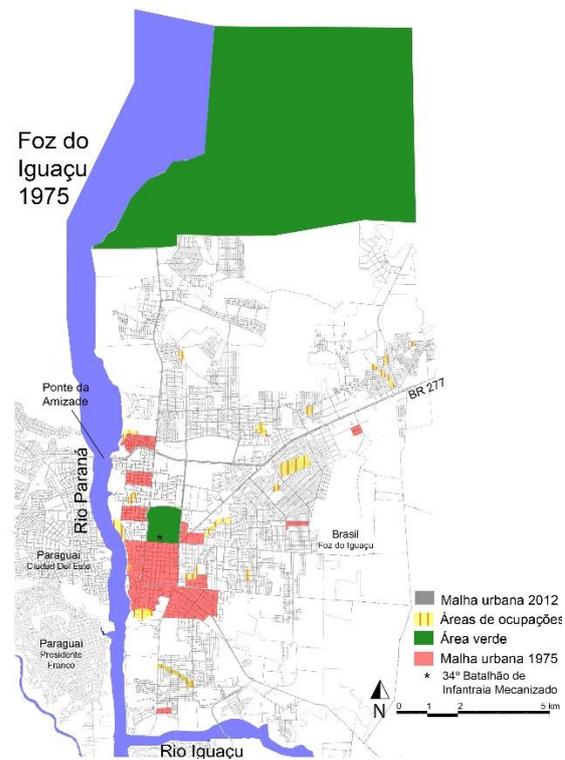
Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Figura 7: Malha urbana de Foz do Iguaçu em 1970



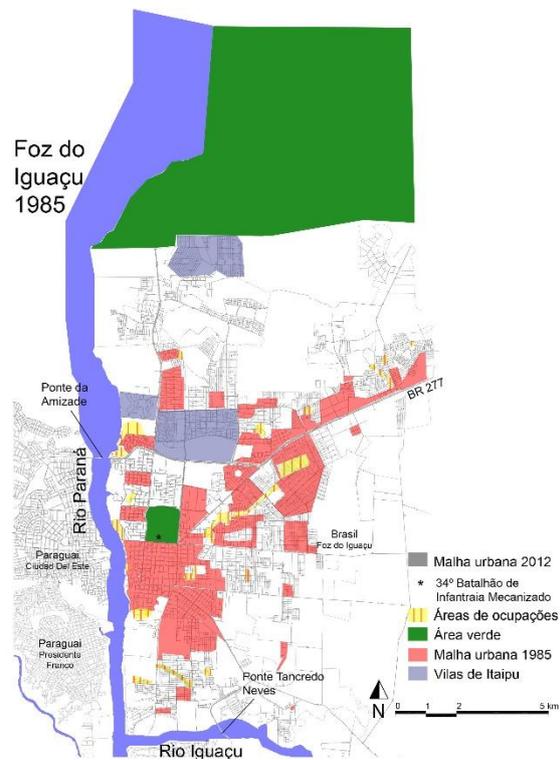
Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Figura 8: Malha urbana de Foz do Iguaçu em 1975



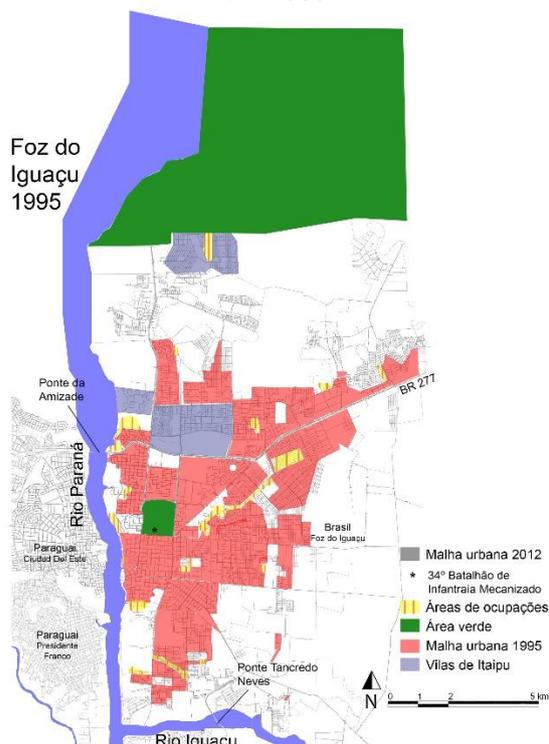
Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Figura 9: Malha urbana de Foz do Iguaçu em 1985



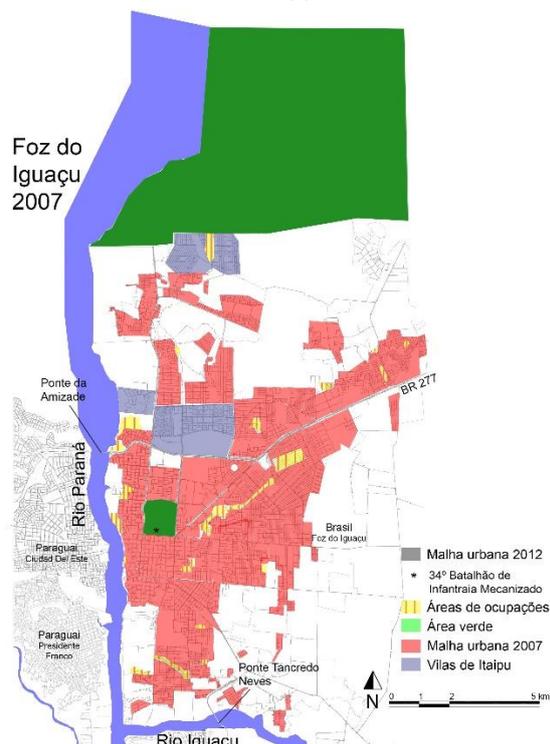
Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Figura 10: Malha urbana de Foz do Iguaçu em 1995



Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Figura 11: Malha urbana de Foz do Iguaçu em 2007



Fonte: PMFI (2010) (Adaptado)

Os mapas acima explicitam como se deu a ligação da malha urbana de Foz do Iguaçu com os outros países que conformam a Tríplice Fronteira, bem como a ligação com o restante do estado, através da BR 277.

Nos anos de 1970 (Figura 7), Foz do Iguaçu já contava com a ligação viária com Ciudad Del Este através da Ponte da Amizade, que teve o término de suas obras em 1965 (BUCHE, 2014, p. 66). Nesta época (1970), a cidade estava constituída pela área central consolidada atualmente, bem como o bairro caracterizado majoritariamente como comercial, chamado Vila Portes. Para Buche (op. cit. p.52), em 1965, a economia local se fortaleceu tanto para o lado paraguaio da fronteira, devido ao turismo de compras; como para o lado brasileiro, já que o mercado local passou a exportar produtos alimentícios, de vestuário, eletrodomésticos e de construção civil, afim de atender a alta demanda de Ciudad Del Este.

A conexão viária com o lado argentino da fronteira aconteceu no ano de 1985, com a inauguração da ponte inicialmente batizada de Ponte da Fraternidade, e posteriormente chamada de Ponte Tancredo Neves (ibid. p.66).

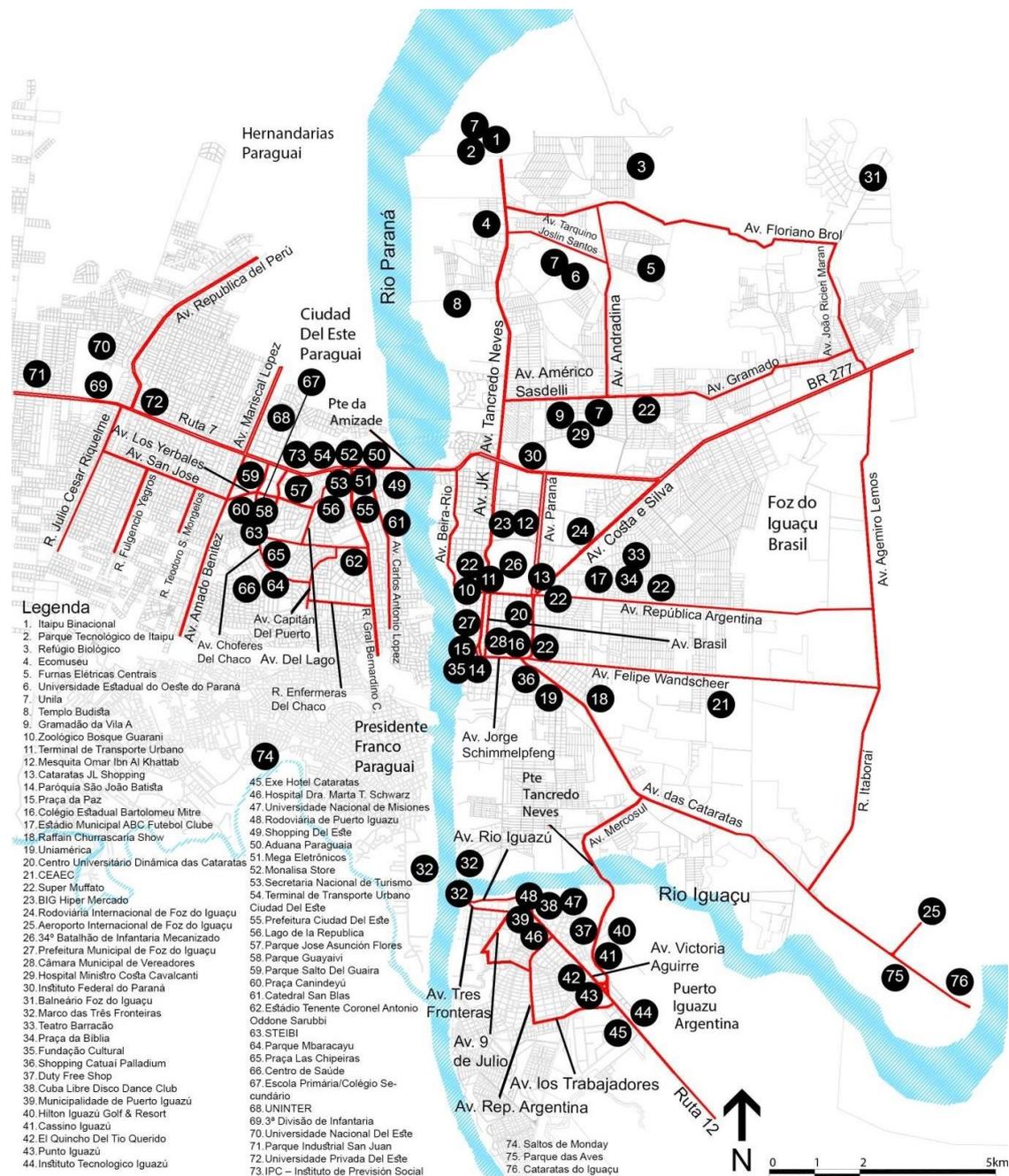
Após várias negociações iniciadas na década de 1960, com acordos firmados na década de 1970, e início das obras em 1975, em 1991, é inaugurada a usina hidrelétrica Itaipu Binacional (ibid. p. 72). A represa, era considerada a maior geradora de energia do mundo. Atualmente ainda abastece 75% da energia consumida no Paraguai e 17% da energia consumida no Brasil (ibid.).

Historicamente, no centro físico de Foz do Iguaçu, localiza-se a Avenida Brasil, área em que se estabeleceram a maioria das primeiras famílias, bem como as primeiras lojas, o que para Buche (2014, p.58) faz desta via, a artéria principal da cidade. Atualmente, tal avenida ainda tem sua importância central, uma vez que há um alto número de estabelecimentos ali consolidados, assim como uma diversidade de atividades e alto fluxo de pessoas, tal qual em seu entorno (Figura 14).

. O mapa de centralidades (Figura 12) ilustra as principais vias e centralidades entendidas como tradicionais na Tríplice Fronteira. Bem como a figura 13 mostra os principais equipamentos levantados na área, divididos em equipamentos de educação, saúde, hotéis, indústrias e pontos turísticos.

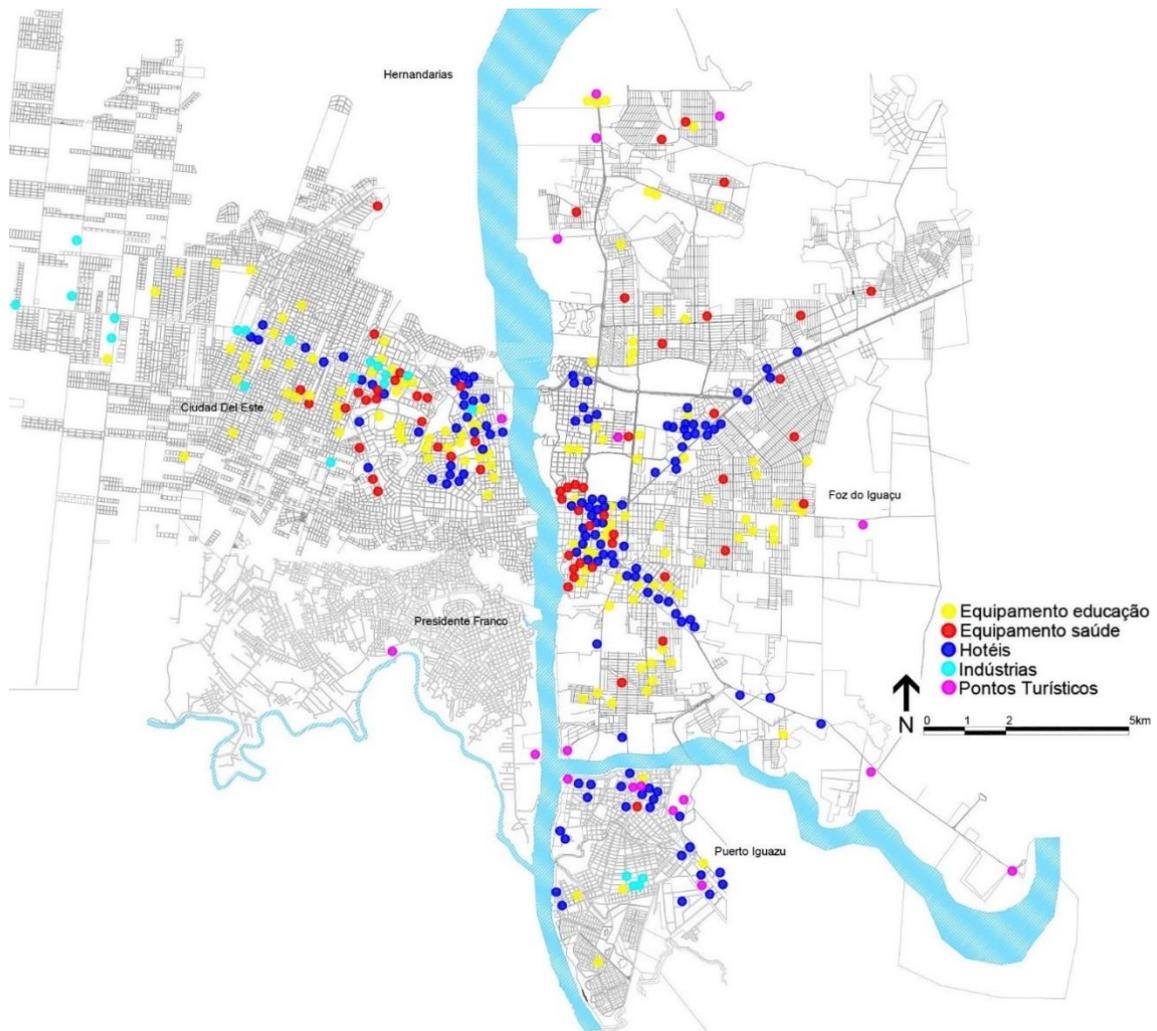
Com Itaipu em um extremo da cidade, e as Cataratas do Iguaçu, em outro, o mapa da figura 12 mostra certa fragmentação, ou dispersão dos pontos turísticos. O discurso hegemônico da vocação turística, segundo uma “memória oficial” acaba sendo – de forma não intencional – reafirmada por moradores da cidade que não fazem parte de uma elite constituída através de tal processo histórico (SOUZA, 2009, p.144).

Figura 12: Mapa das centralidades na Tríplice Fronteira



Fonte: Elaboração própria

Figura 13: Mapeamento dos principais equipamentos da Tríplice Fronteira



Fonte: Elaboração própria. Execução por Gilmar Almeida da Silva e Ruth Cañete (2016)

Figura 14: Avenida Brasil



Fonte: Blog do caderno de turismo/Gazeta do Povo (sem data)

### **3.1 – Em busca de imagens e centralidades simbólicas**

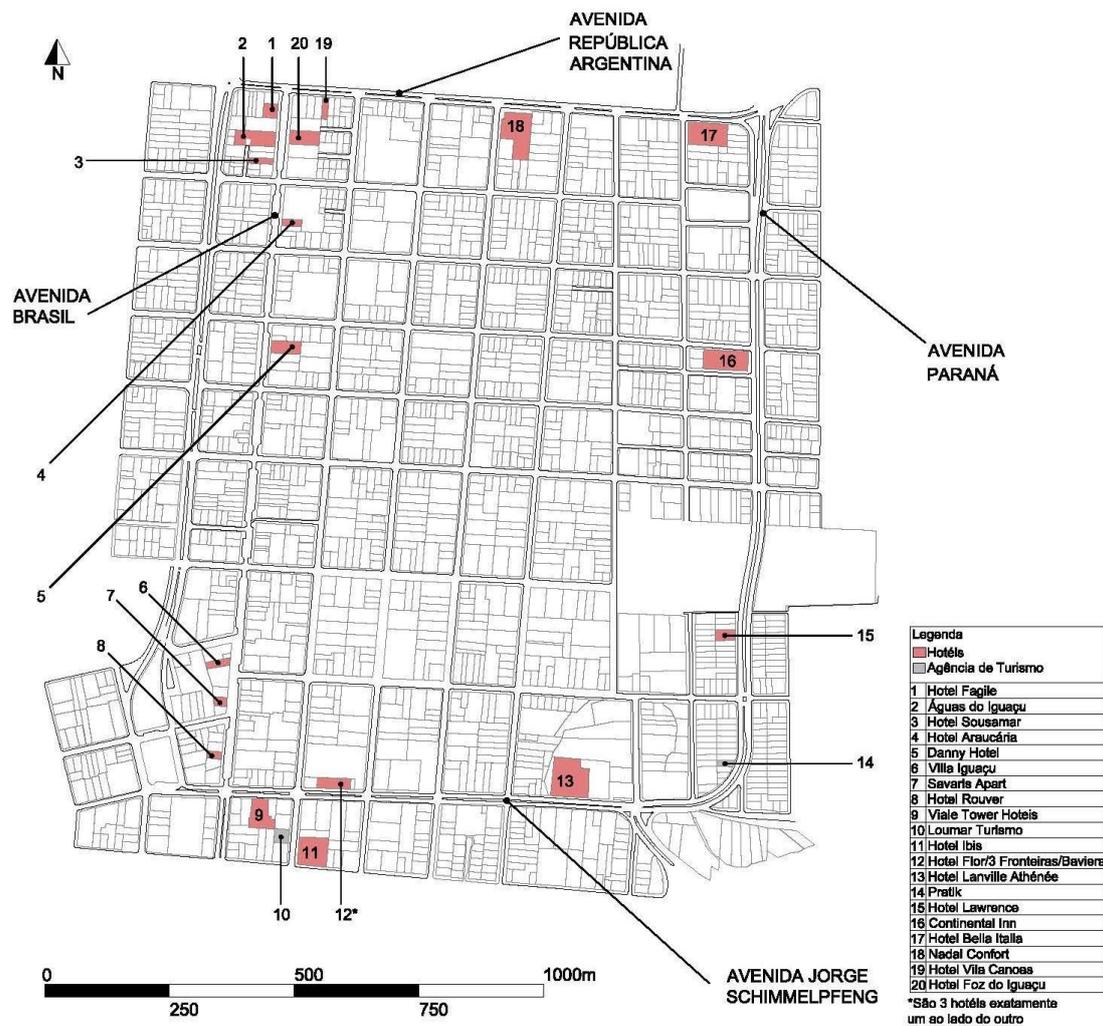
Nas proximidades da já mencionada Avenida Brasil, existem eixos de concentrações de hotéis e agências de turismo, que configuram um quadrilátero central onde realizei coleta de folhetos turísticos<sup>11</sup> visando a análise de imagens (Figura 14).

Em todos os estabelecimentos visitados (ver Figura 15), recolheu-se um exemplar de cada um dos de folhetos que se colocavam à disposição do público. Foi um total de 299 folhetos, predominantemente relacionados à Foz do Iguaçu – cerca de 187 anunciavam atrações do lado brasileiro da Tríplice Fronteira, enquanto 33 eram relacionados à Ciudad Del Este, e 31 eram sobre Puerto Iguazú. Chamou atenção o fato de que, o mais recorrente tratava-se de um “bar de gelo” – chamado de Icebar Iguazú –, localizado na cidade de Puerto Iguazú, do lado argentino da fronteira. Em seu folheto de divulgação (Figuras 16 e 17), anuncia “a selva abaixo de zero” com ícones simbolizando certa tropicalidade – algumas palmeiras e um tucano usando um cachecol – em confronto com o espaço todo feito de gelo.

Figura 15: Levantamento de folhetos em hotéis e agências de turismo no perímetro central

---

<sup>11</sup> Neste levantamento, a ajuda dos colegas Oswaldo Freitez e Sergio Roca foram de suma importância para a realização do mesmo.



Fonte: Elaboração própria. Execução por Gilmar Almeida da Silva e Leonardo Name (2015).

Figuras 16 e 17: Frente e verso do panfleto do Icebar Iguazú



O Icebar Iguazú foi projetado com paredes de gelo. Os copos, balcões, mesas e bancos foram integralmente fabricados com gelo. Alguns dados importantes a serem levados em conta:

- **Temperatura ambiente: -10°**
- A entrada inclui consumo livre de bebidas brancas, aperitivos, licores e bebidas sem álcool.
- **Tempo de permanência: 30 minutos**
- Antes da entrada, clientes recebem roupas e luvas térmicas adequadas para baixa temperatura. Mesmo assim é recomendado vestir roupas mais abrigadas e calçado fechados
- **Consultas e reservas:** AR- 0054 (03757) 494047 

Ruta (rodovia) 12 km 5 Puerto Iguazú - Provincia de Misiones | reservas@icebariguazu.com

Fonte: Folheto original digitalizado (2015)

Considerando as proposições acerca de um circuito inferior de imagens, neste levantamento, percebeu-se a notável produção restaurantes pertencentes ao circuito inferior, sejam eles no lado argentino – que não contaram com tanta recorrência –, sejam no lado brasileiro.

Ainda sobre o circuito inferior de imagens, temos a divulgação da venda de produtos eletrônicos, ofertados pelo turismo de compras em Ciudad Del Este. Entre os folhetos mais recorrentes, destaca-se o anuncio do shopping Vendôme (Figura 18).

Figura 17: Panfleto de divulgação do Shopping Vêndome em Ciudad Del Este

Conheça as novas instalações do Shopping Vendôme

**shopping vendôme**  
O Shopping Multicolor de Ciudad del Este!

As melhores marcas do mundo Você encontra aqui!

HUGO OMEGA REVLON Cartier ESTÉE LAUDER GABRIELA SARATINI

ACEITAMOS SEU CARTÃO DE CREDITO SEM ACRÉSCIMO

500 Lojas  
Eléctricos - Informática - Cosméticos - Games  
Bebidas - Vestuários - Decoração - Câmbio  
Cassino Eletrônico.

A maior praça de alimentação de Ciudad del Este...  
\* Estacionamento Privativo.

shopping vendôme  
Calle Adrian Jara, c/ Piribebuy  
Ciudad Del Este - Paraguay

Fonte: Folheto original digitalizado (2015).

Este levantamento, da produção de imagens, revela que cada um dos lados da Tríplice Fronteira oferece uma funcionalidade específica ao turista: enquanto o lado brasileiro, serve meramente como hospedagem – isto é, considerando que este público turístico se encontre hospedado em Foz do Iguaçu –; o lado paraguaio oferece produtos eletrônicos a preços relativamente baixos e atrativos; a parte argentina oferece opções gastronômicas no período noturno – apesar que os restaurantes brasileiros também ofertam opções gastronômicas, aí há um possível conflito: uma disputa proposta pelo lado brasileiro e isto se verifica no folheto do restaurante “Tempero da Bahia” (Figura 18).

Figura 18: Panfleto do restaurante Tempero da Bahia



Fonte: Digitalização do folheto original (2015).

O folheto acima anuncia “A Bahia é aqui!”: há um mapa no lado esquerdo que fornece a localização do restaurante – ou seja, o turista é

supostamente deslocado para a Bahia, através da culinária específica oferecida pelo estabelecimento.

Entre as imagens de maior recorrência, temos pela primeira vez a referência às Cataratas do Iguaçu como plano de fundo para o anúncio de uma empresa de aluguel de carros (Figuras 19 e 20): aqui, uma mão aparenta levantar um pedaço do folheto para revelar algo que estaria escondido. O verso conta com informações referentes aos preços a se pagar pelo serviço. O que é mais importante, analisando o discurso imagético deste folheto é: que para conhecer a cidade turística, bem como visitar a maior atração hídrica da Tríplice Fronteira, o turista precisa estar motorizado.

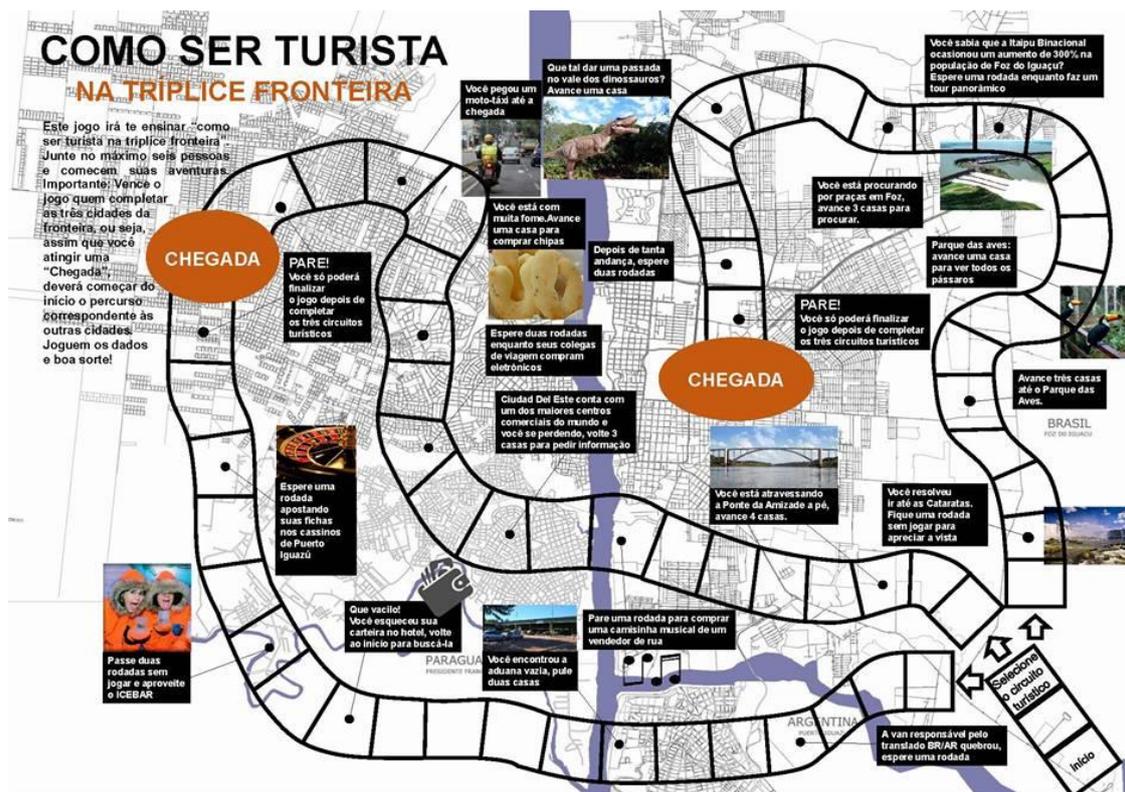
Figuras 19 e 20: Frente e verso do segundo folheto mais recorrente do levantamento de campo, que trata sobre o aluguel de carros

Grupo	Modelo	Diária	Diária	Diária	Diária
A	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
B	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
C	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
D	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
E	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
F	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
G	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
H	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
I	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
J	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
K	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
L	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
M	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
N	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
O	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
P	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
Q	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
R	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
S	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
T	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
U	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00
V	Ford Fiesta 1.6	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00	R\$ 38,00

Fonte: Digitalização do folheto original.

Considerando os levantamentos supracitados, o material possibilitou a elaboração de um jogo de tabuleiro, em que jogadoras/es percorrem o corredor turístico, que recebeu o nome de “Como ser turista na Tríplice Fronteira”. A dinâmica do jogo se caracteriza por turnos em que cada uma das/os participantes joguem um dado e avance o número correspondente pelo tabuleiro (Figura 21). O produto gráfico propõe situações de um passeio turístico pela Transfronteira, como por exemplo “você está atravessando a Ponte da Amizade a pé, avance quatro casas”, ou ainda “você resolveu visitar as Cataratas do Iguaçu. Fique uma rodada sem jogar”.

Figura 21 – Tabuleiro do jogo produzido



Fonte: Elaboração Própria.

Dado isto, também é importante considerar a área central de Foz do Iguaçu, que frequentemente vem sendo reconfirmado por determinados agentes produtores e consumidores do espaço. Em um levantamento feito em fins de 2016, percebeu-se notável produção de imagens relacionadas ao mercado imobiliário e de construção civil, em Foz do Iguaçu, na internet. Trata-se de um fórum de discussão que se chamado “Foz do Iguaçu em obras”, no qual vários membros cadastrados no site <http://skyscrapercity.com><sup>12</sup> postam imagens de projetos que possuem alguma informação.

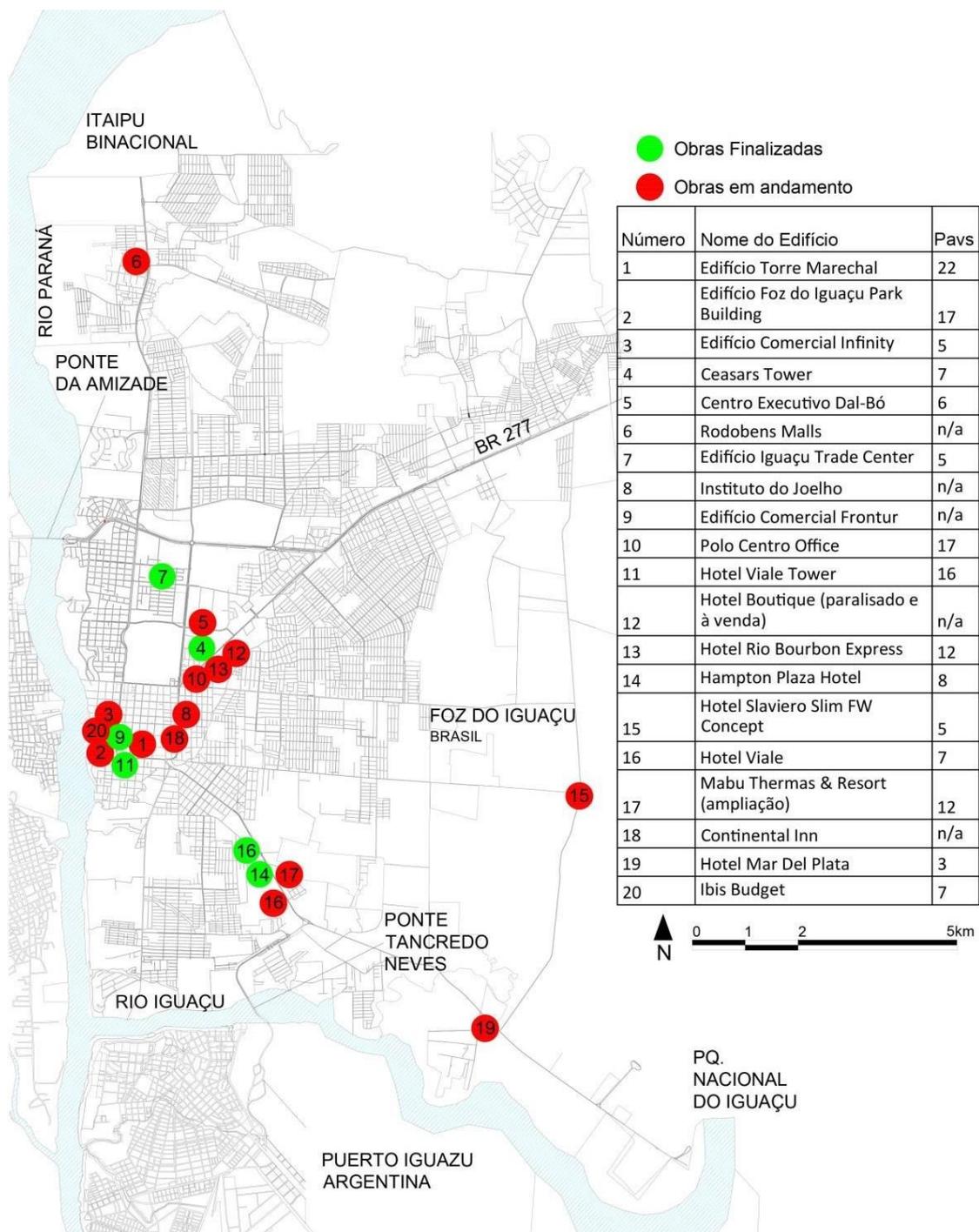
As produções visuais, em sua grande maioria, são perspectivas feitas através de computação gráfica, ferramenta bastante conhecida por arquitetas e arquitetos, os chamados *renderings*. Com a ressalva de alguns casos, em que se tratam de fotografias retiradas dos canteiros das obras mencionadas em estágios avançados.

<sup>12</sup> O fórum encontra-se em constante atualização, e está disponível neste link: <http://skyscrapercity.com/showthread.php?t=1466090/>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

Há de se compreender que se tratando de mercadorias, no processo de transformar – e multiplicar – o solo, em espaço construído, profissionais que dominam as tais ferramentas que produzem imagens realistas, criam imagens no intuito de “seduzir” o público (SOUZA, *mimeo.*). No contexto de Foz do Iguaçu, estas edificações, se estabelecem majoritariamente no centro físico da cidade (figuras 22, 23 e 24).

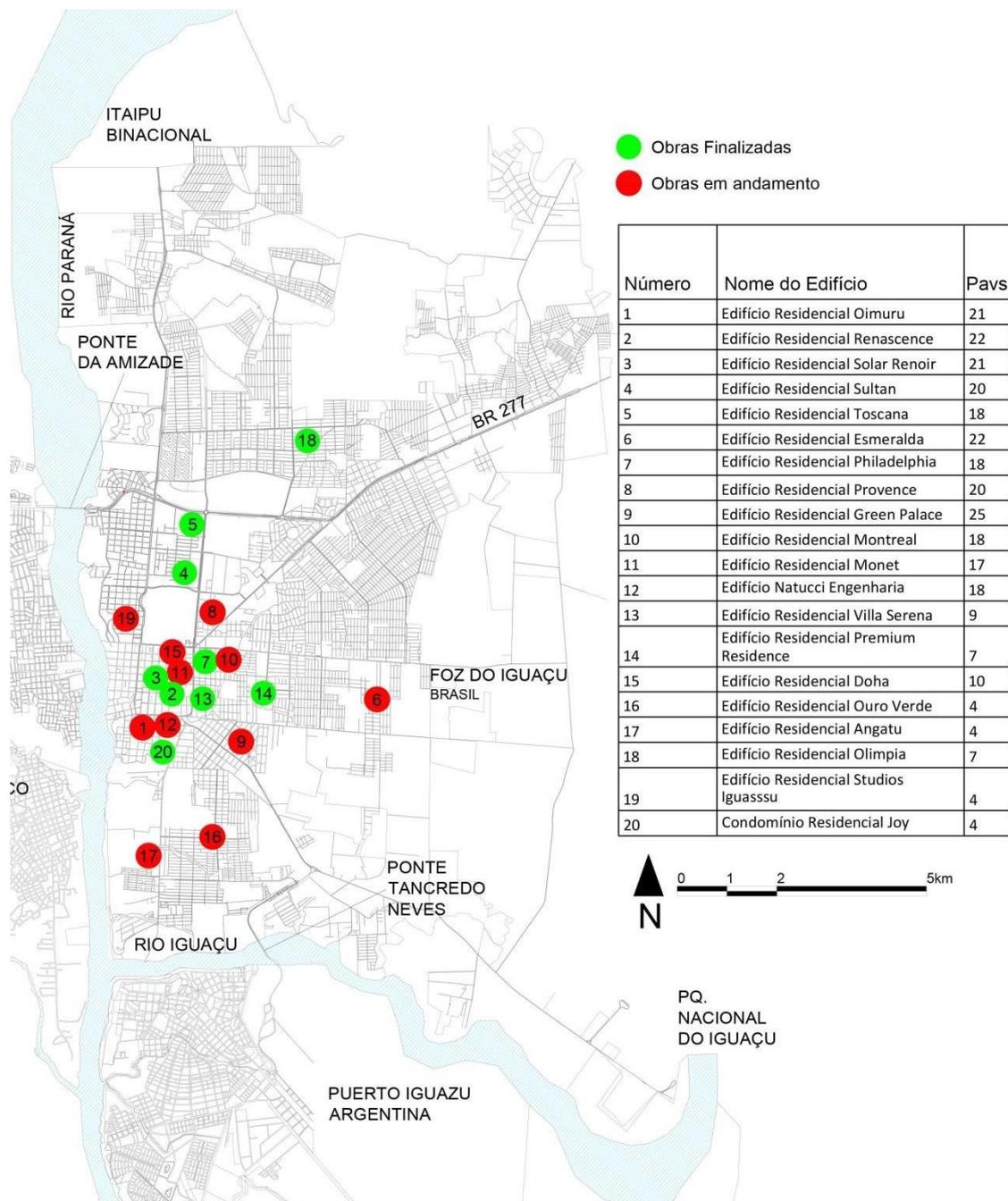
Metodologicamente, estas imagens levantadas foram caracterizadas como: Empreendimentos Residenciais, Empreendimentos comerciais e Empreendimentos Públicos/Outros.

Figura 22: Mapeamento dos empreendimentos comerciais e hotéis em Foz do Iguaçu.



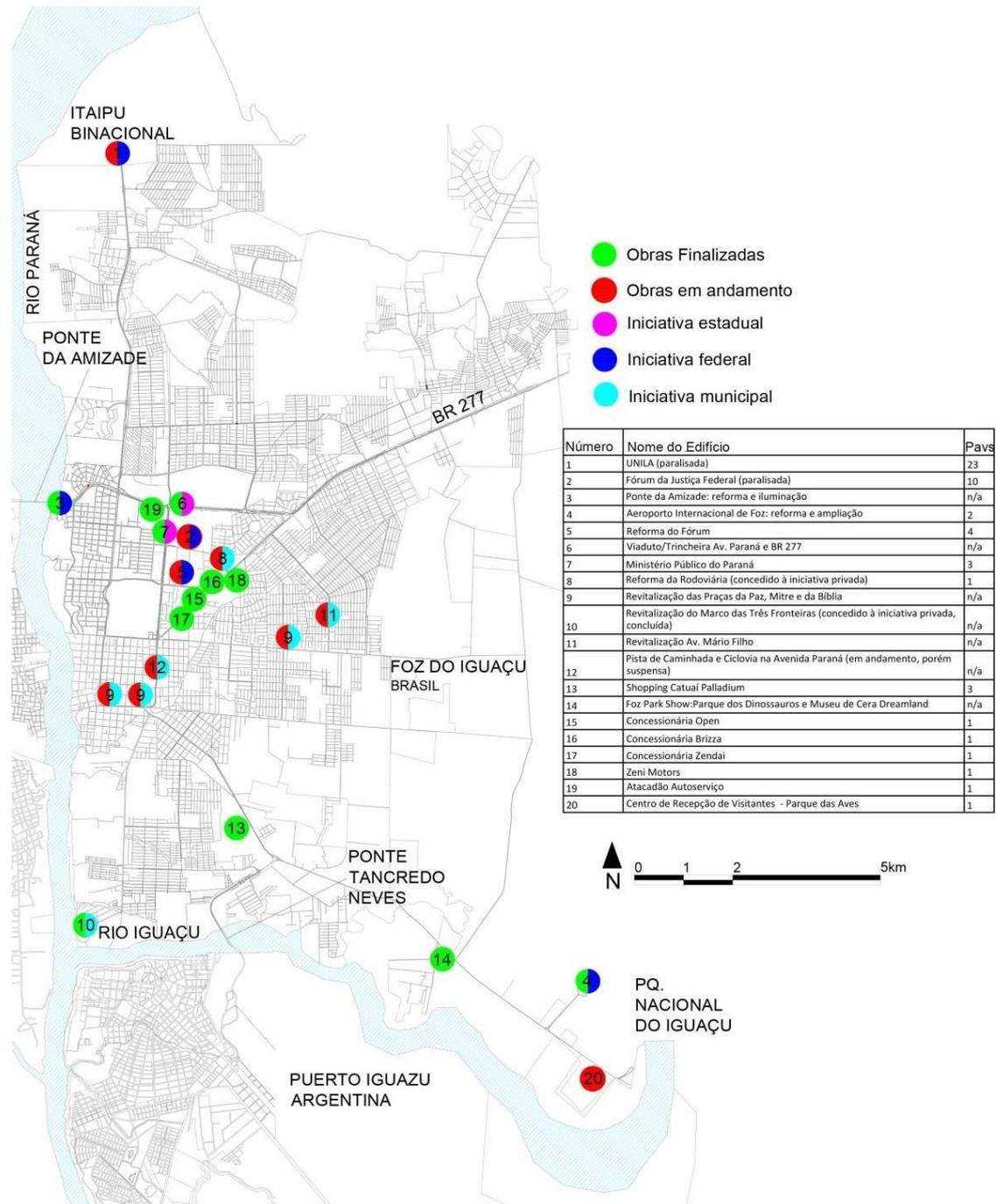
Fonte: Elaboração própria

Figura 23: Mapeamento dos empreendimentos residenciais em Foz do Iguaçu



Fonte: Elaboração própria

Figura 24: Mapeamento dos empreendimentos públicos e outros em Foz do Iguaçu



Fonte: Elaboração própria.

Nos mapas supra-apresentados, tanto por parte da iniciativa privada, quanto pela iniciativa pública, é perceptível uma maior concentração dos empreendimentos na região central de Foz do Iguaçu. Em comparação com o mapa de centralidades (Figura 12), por exemplo, os empreendimentos se

estabelecem em localidades mais próximas ao núcleo urbano do lado brasileiro da área fronteira.

O mapeamento de edifícios com caráter comercial e hoteleiro (Figura 21), mostra que eles se dispõem, ou em torno do quadrilátero central, ou nas proximidades da Avenida Costa e Silva que é a ligação viária principal – que liga o litoral paranaense à Tríplice Fronteira –; ou em regiões próximas à Avenida das Cataratas, que conecta o centro até o mais chamativa paisagem de Foz do Iguaçu – e de Puerto Iguazú, por conseguinte: as Cataratas do Iguaçu. Para esta cartografia, salvos são os casos do “Rodobens Malls” – localizado relativamente próximo à barreira da Usina de Itaipu –, e do Hotel Slaviero Slim FW que não se enquadram na região central da cidade.

Os edifícios residenciais (Figura 23), mais verticalizados, com mais de vinte pavimentos especialmente se dispõem nas proximidades dos principais eixos centrais de Foz do Iguaçu – com exceção do Edifício Residencial Esmeralda. Enquanto empreendimentos residenciais de até sete pavimentos, se estabelecem de maneira mais dispersa, distante da área central.

Apesar da confirmação de centralidades pelos diferentes tipos de iniciativa – seja ela privada, ou pública – a Figura 23 mostra maior dispersão de obras edificadas. Os empreendimentos que se enquadram como “outros” dentro deste mapeamento, são ou negócios de grande proporção/ocupação do solo – como o Shopping Catuaí Palladium –; ou são concessionárias de veículos, que se situam uma ao lado da outra, na avenida de acesso à Foz do Iguaçu, pelo lado brasileiro.

Dentro das definições estipuladas por Corrêa (1989), como constam no quadro 4, os agentes imobiliários, juntamente com sua equipe técnica – profissionais da arquitetura –, com a finalidade de produzirem mercadorias chamativas, utilizam-se dos *renderings*. Estas imagens produzidas por computação gráfica, segundo Souza (*mimeo*. p. 6-7), possuem três aspectos à serem tratados – que tem origem no ensino de arquitetura e urbanismo –, considerando a dimensão ideológica da representação em:

primeiro, a inclinação a um imediatismo tecnicista e despolitizado no ensino; em segundo lugar, os aspectos de espetacularização e autopropaganda da cultura arquitetônica internacionalizada; e, por último, aquilo que optei por denominar

como tendências xenocêntricas e excludentes que estudantes, profissionais e mídias disseminam e trazem consigo.

Através das imagens produzidas por computação gráfica, como constam na página de discussão na internet (Figuras 25 e 26), percebe-se facilmente a higienização da representação, como comenta Souza (*mimeo*. p.9).

Neste registro, a suposta eficiência da comunicação costuma se confundir com certo realismo fotográfico que, via de regra, tende a apresentar-se com um visual excessivamente higienizado, livre do tipo de imperfeições, ruídos visuais e mesmo da variedade humana de classes e etnias que a realidade da ocupação do espaço costuma apresentar.

Figura 25: *Rendering* do Edifício Residencial Esmeralda



Fonte: Skyscrapercity

Figura 26: *Rendering* do Edifício Residencial Green Palace

Fonte: Skyscrapercity.

Levando em conta as produções de imagens tanto pelo circuito inferior, quanto superior, estes *renderings* não se enquadram necessariamente em nenhuma das definições. Uma vez que estas imagens são produzidas pelos escritórios de arquitetura, e circulam pela internet sem fazer nenhuma menção a alguma grande construtora ou incorporadora, logo, se adequariam à um possível circuito intermediário de imagens.

Há que ser feita aqui também as considerações das imagens produzidas pelo Estado – entendendo que este faz parte do circuito superior da economia urbana e da produção de imagens também –, e difundidas amplamente pela mídia. Neste contexto, temos Itaipu, que como um agente ao mesmo tempo estatal, não só produz imagens, como propõe projetos diretamente ligados à uma produção de centralidades para Foz do Iguaçu.

A hidrelétrica, aparece por trás de projetos de grandes dimensões, como por exemplo, o projeto Beira-Foz, que consiste em um plano de *waterfront* para a cidade. Segundo declarações feitas pela própria Itaipu, o projeto visa a ocupação das margens do Rio Paraná e Iguaçu através de investimentos públicos e privados (ITAIPU, 2015).

Tal plano de infraestrutura prevê a revitalização de algumas estruturas já existentes, como o Marco das Três Fronteiras (Figura 27), e da Ponte da Amizade – estes dois projetos já se encontram concluídos atualmente. Ainda de acordo com Itaipu (2015), em parceria com um escritório inglês – Arup – responsável por diversos projetos de grandes dimensões urbanísticas pelo mundo, há a intenção de se implantar um autódromo dentro dos limites do município.

Além disto, o projeto Beira Foz promete a criação de parques, assim como empreendimentos residenciais de médio e alto padrão em regiões próximas aos rios Paraná e Iguaçu. Inclusive, o apoio de Itaipu ainda aparece como pano de fundo para as ações de gestão do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Foz (CODEFOZ), que neste caso, pretende apontar novas diretrizes no Plano Diretor de Foz do Iguaçu, afim de fornecer condições favoráveis para a implantação do projeto urbanístico.

Figura 27 – *Rendering* da revitalização do Marco das 3 Fronteiras



Fonte: ClickFoz.

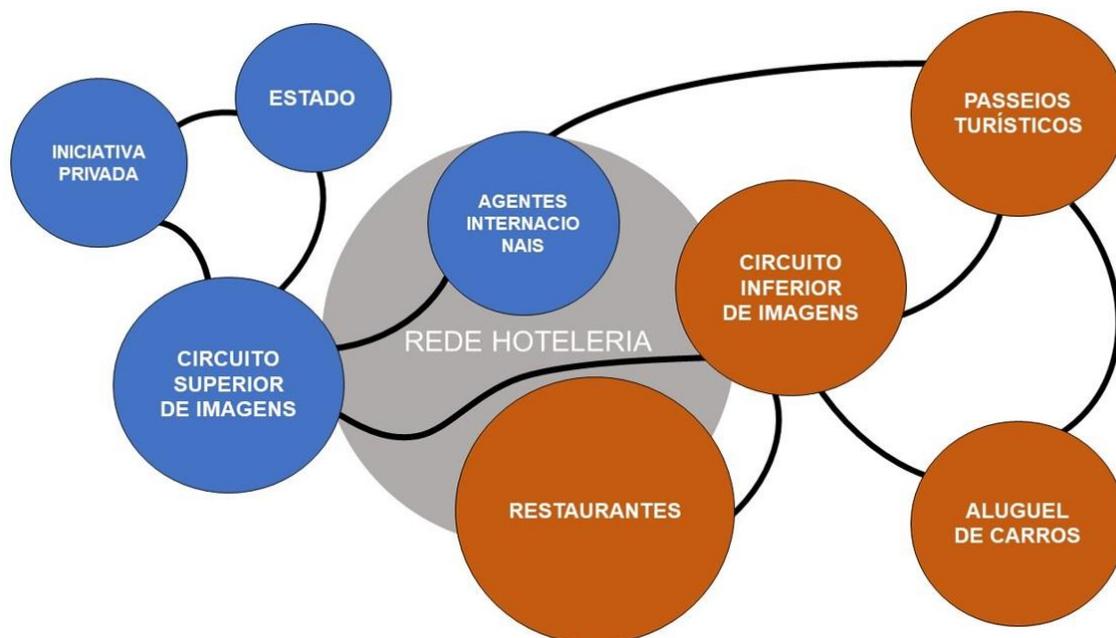
Figura 28 – *Rendering* do projeto Beira-Foz



Fonte: Skyscrapercity.

Assim, temos o circuito superior de imagens, neste caso produzidas pelo Estado. Devemos levar em conta que também há grandes redes hoteleiras, que representam grande fluxo de capital instalada na cidade. Estas redes internacionais movimentam muito capital também produzem imagens, sendo representantes de um circuito superior da economia, são elas as redes hoteleiras como a BHG (Brazilian Hospitality Group), a rede Ibis, e a rede Accor que também se encontrava em Foz do Iguaçu. A figura 29 esquematiza como se dão as relações entre os circuitos econômicos em Foz do Iguaçu.

Figura 29 – Relação entre os circuitos da economia urbana em Foz do Iguaçu.

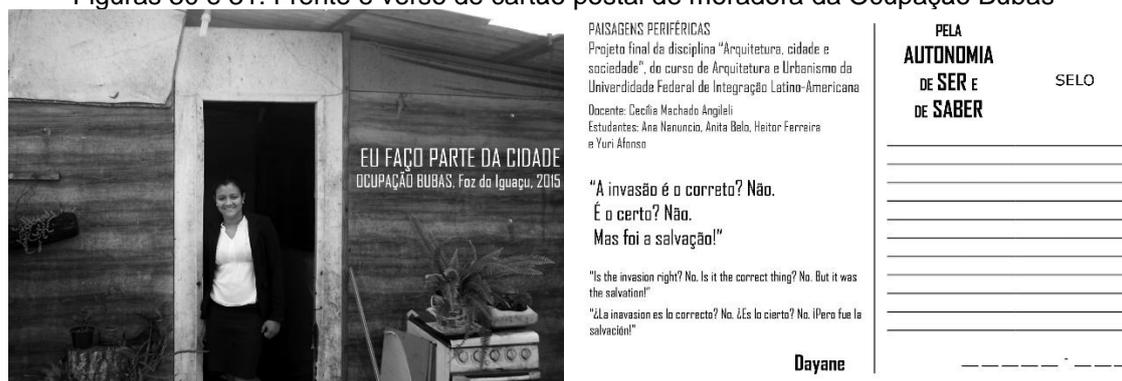


Fonte: Elaboração própria

É necessário aqui, compreender que para além das imagens, na região da Tríplice Fronteira há centralidades que são entendidas também por meio de um imaginário da população residente com base na vivência cotidiana das cidades, isto é, ancoradas em suas próprias experiências.

Emanam do circuito inferior outras imagens, não necessariamente difundidas pelos meios de comunicação convencionais, assim como o circuito turístico. Movimentos sociais, por exemplo, também podem produzir imagens: em 2015, o projeto “Paisagens Periféricas” e a “Escola popular de Planejamento da Cidade”, conduzido pela professora de arquitetura e urbanismo da UNILA, Cecília Angileli, confeccionou juntamente com discentes do primeiro período do curso uma série de imagens que recebeu o título de “Cartões Postais: Eu faço parte da cidade”. Como o título aponta, tratavam-se de cartões postais que visavam Foz do Iguaçu para além do corredor turístico: mais especificamente, traziam imagens de residentes e residências da Ocupação Bubas, assentamento irregular, o bairro Cidade Nova, ambas localidades periféricas. Este material, foi distribuído em lugares com grandes concentrações de pessoas, como o Terminal de Transporte Urbano, no centro e no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu.

Figuras 30 e 31: Frente e verso de cartão postal de moradora da Ocupação Bubas



Fonte: Paisagens periféricas (2015)

Figuras 32 e 33: Frente e verso de cartão postal de moradora do bairro Cidade Nova



Fonte: Paisagens periféricas (2015)

Os cartões supracitados, claramente criam tensionamentos com as imagens hegemônicas de Foz do Iguaçu oriundas do circuito superior da economia. Neste sentido, é importante mencionar o conceito formulado por Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014), por colonialidade territorial. Para estes autores, há uma standardização e um "sustento filosófico" com padrões criados pelo ocidente que, não apenas ditaram, mas também seguirão ditando normas (FARRÉS-DELGADO, MATARÁN-RUIZ, 2014). Nesse sentido, a concepção do que venha a ser "cidade" e, ademais, "cidade moderna", "desenvolvida" ou "cosmopolita" é eivada pelo eurocentrismo, influencia o ensino e a projeção de arquitetura, o planejamento urbano e as políticas públicas.

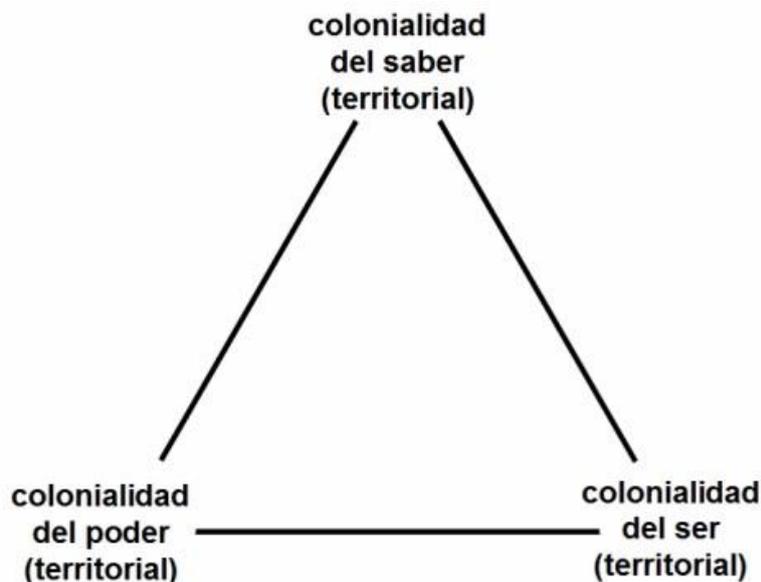
A partir disto, Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014), implantam questionamentos acerca de uma diversidade homóloga, se a visão cosmopolita, universalizante, que transfere tanto tecnologia, como exporta técnicas construtivas, são capazes de sobrepor suas "equivalências" autóctones? Assim, temos que nos perguntar sobre conceitos de colonialidade e colonialismo,

segundo Quijano (2001), citado por Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014, p. 37), estes seriam:

«colonialismo» denota uma relação política e econômica em que a soberania de uma nação ou povo descansa no poder de outra nação, que converte a esta última em império, «colonialidade» refere-se, diferentemente, a um conjunto de padrões de poder de longa duração que emergiram com o colonialismo, mas definem a cultura, as relações intersubjetivas, a distribuição do trabalho e a produção de conhecimentos mais além dos estritos limites das administrações coloniais.

Com tais postulações, Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014), reforçam o que anteriormente teorizaram (ibid., 2012) sobre uma tríade que vincula a colonialidade do saber, do poder e do ser, intrínsecas ao território (Figura 31).

Figura 34 – triângulo das colonialidades territoriais



Fonte: Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014) (Adaptado)

Na busca de outras imagens e centralidades potencialmente produzidas pelo circuito inferior, que não são divulgadas amplamente pelas

mídias, ou não veiculadas como os panfletos direcionados para o turismo, existe a possibilidade de notar uma cidade “diferente”, oposta à cidade turística. Esta busca por um material de pesquisa outro, pode ser produzido a partir de concepções de grupos marginalizados.

### 3.2 – Outras Centralidades Urbanas

Na busca de outras imagens e centralidades potencialmente produzidas pelo circuito inferior, que não são divulgadas amplamente pelas mídias, ou não veiculadas como os panfletos direcionados para o turismo, existe a possibilidade de notar uma cidade “diferente”, oposta à cidade turística. Nesta busca por um material outro, as concepções, percepções e vivências de grupos marginalizados – ou ao menos com menor poder político – têm destaque.

Com vistas a uma investigação preliminaríssima, me propus a realização de um pequeno ensaio junto a um grupo de discentes do curso de arquitetura da Unila.

A comunidade de discentes da Unila, é claro, não necessária ou facilmente se associa às classes menos favorecidas economicamente. No entanto, as mídias corporativas de Foz do Iguaçu, desde 2010, auxiliam na produção de uma imagem de estudantes delinquentes e baderneiros. Inúmeros são os casos de hostilização destas pessoas por parte da população de Foz do Iguaçu, assim como as ocorrências de xenofobia<sup>13</sup> para com estudantes estrangeiros, ambas as situações já terminaram como casos de polícia<sup>14</sup>. Em decorrência de não serem bem acolhidas ou acolhidos em diferentes localidades e estabelecimentos, há de se considerar que essas/es discentes se apropriam de espaços que não são os restaurantes dos folhetos, ou os empreendimentos do site Skyscrapercity.

Em função de compreender as imagens e centralidades para este público deve-se considerar o entendimento de representações espaciais, aquilo que Cristiane Cardoso (2006) articula sobre espaço vivido, percebido e

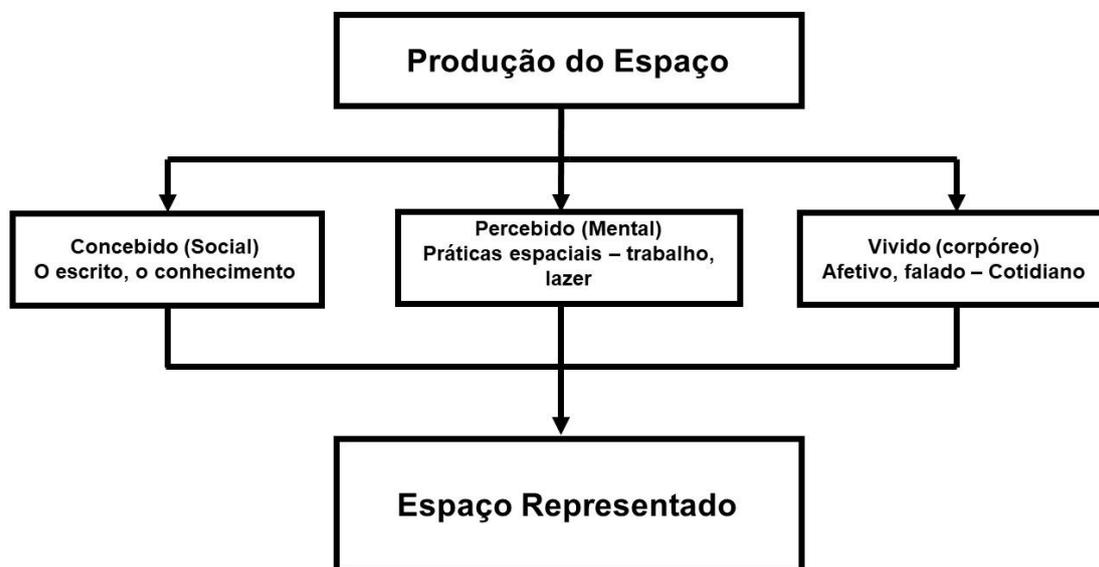
---

<sup>13</sup> “Universidade repudia agressão a estudante haitiano em Foz do Iguaçu”. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/universidade-repudia-agressao-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu.html>. Acesso em 30 de junho de 2018.

<sup>14</sup> “Estudantes da Unila denunciam abuso de poder policial”. Disponível em: <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/estudantes-da-unila-denunciam-abuso-de-poder-policial/>. Acesso em 30 de junho de 2018.

concebido de acordo com o francês Henri Lefebvre (Figura 35). Segundo Cardoso (2006), as representações do espaço urbano são resultantes das relações das pessoas com aquilo que as rodeia (quadro 5).

Figura 35 – esquematização dos espaços vivido, concebido e percebido



Fonte: Cardoso (2006) (Adaptado)

Quadro 5 – Diferentes tipos de espaço segundo Lefebvre

Espaço concebido	Configurado por planejadores, embasadas por teorias vigentes em determinados momentos da história;
Espaço percebido	Onde são realizadas as práticas sociais, sejam elas da vida privada, atividades de trabalho, lazer e festas;
Espaço vivido	O cotidiano, as relações diretas das pessoas com seu lugar habitado, plano afetivo.

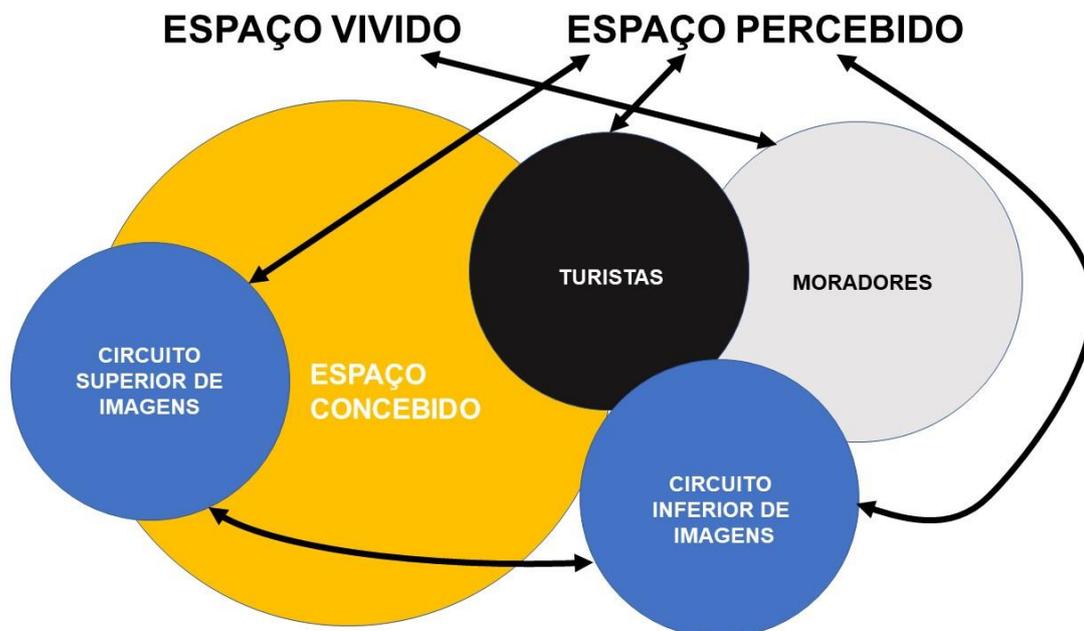
Fonte: Cardoso (2006) (Adaptado)

De tal maneira, a compreensão da teoria de Lefebvre me ajuda a sistematizar, como se configuram os espaços centrais, por exemplo, para

estudantes da Unila. As definições teóricas presentes no quadro 5 mostram certa pertinência para a pesquisa. Levando em conta que questões surgiram durante a última fase de pesquisa, logo, afim de responder tais problemáticas, a representação do espaço, resultante de um âmbito concebido está sujeita aos agentes produtores de espaço/imagem.

Se por um lado, temos uma espetacularização reforçando um espaço concebido – por parte de grupos dominantes já mencionados –, por outro, temos um espaço vivido – por moradoras/es menos favorecidas/os –, que em minha percepção, tende a revelar vazios que não são contemplados por um espaço necessariamente concebido. Se faz necessário entender que a cidade experienciada é diferente de uma cidade apresentada. Assim, os circuitos superiores de imagens produzem determinado produto – cidade apresentada – voltado para quem visita Foz do Iguaçu, neste caso, existe uma maior tensão entre o espaço concebido entre si. A figura 36 mostra como se relacionam os circuitos de imagens, os espaços vividos/percebidos, assim como a ligação de todos estes elementos com quem habita ou transita por Foz e, por conseguinte, a Tríplice Fronteira.

Figura 36 – esquematização das representações espaciais em Foz do Iguaçu



Fonte: Elaboração própria

Metodologicamente, afim de levantar dados principalmente qualitativos, referentes as “centralidades unileiras” junto com um grupo de discentes, foi resolvido que elaborar um questionário seria a opção mais viável para a coleta de dados. Tal proposta serve como um exercício para verificar a comprobabilidade, um reforço da discussão aqui proposta, já que o alcance e o conteúdo de determinadas imagens corroboram para a determinação de centralidades urbanas. Pressuponho que isto, em comparação com os mapas de centralidades convencionais, possa revelar centralidades outras.

Aplicaram-se questionários com cinco discentes homens, sendo destes, três brasileiros – um de São Paulo, outro do interior de Minas Gerais e o terceiro residente em Foz do Iguaçu desde a infância – e dois oriundos da Venezuela, das cidades de Maturín e Barquisimeto, respectivamente do curso de Arquitetura e Urbanismo na Unila. Destes estudantes, quatro deles dependeram da Assistência Estudantil viabilizada pela já mencionada universidade – para isto, precisaram comprovar a vulnerabilidade socioeconômica.

Considerando que a mobilidade entre as três cidades da Tríplice Fronteira é viável para os estudantes entrevistados, as questões feitas englobaram Puerto Iguazu e Ciudad Del Este. As centralidades mencionadas pelos alunos mostram um espaço percebido através de mídias de alto alcance, mas sua percepção afetiva e de memória servem como um contraponto àqueles folhetos que anunciavam as supostas funcionalidades locais de cada uma das três cidades.

Tais respostas foram concedidas em forma de entrevista, em que cada discente respondesse as seguintes questões:

1 – Quais lugares de Foz, Puerto Iguazú e CDE você considera centralidades econômicas da Tríplice Fronteira. Por quê?

2 – Que imagens constantemente você vê dessas três cidades? Onde estão essas imagens?

3 – O quanto você frequenta ou frequentou os lugares relacionados a estas imagens?

4 – Como estudante de Arquitetura e Urbanismo da UNILA, quais os lugares que você mais frequenta ou frequentou nestas três cidades. Fale um pouco sobre eles: por que os frequenta tanto?

5 – Por questões afetivas, de memória, ou de vivência, você elencaria mais outros lugares que são particularmente importantes para sua experiência nestas três cidades?

6 – Você costuma ver imagens destes lugares citados nas questões 4 e 5? Se sim, como são essas imagens e onde elas estão (exemplo: internet, TV, folhetos de publicidade, etc)?

Quadro 6: Espaços percebidos e vividos para os discentes entrevistados.

<b>Cidade</b>	<b>Espaço percebido</b>	<b>Espaço vivido</b>
Ciudad Del Este	as imagens produzidas sobre a cidade paraguaia reforçam a ideia de centro de compras, assim como estas pessoas visitam o lado paraguaio da fronteira em busca dos preços chamativos das mercadorias	Os alunos mencionam localidades que não aparecem nas centralidades convencionais, como por exemplo, o Lago da República, ou restaurantes de forma mais generalizada, este configura a vivência dos discentes em questão
Foz do Iguaçu	tem nas mídias de grande alcance a divulgação de um espaço, que se torna percebido em torno de um centro que aparece com menos frequência – o quadrilátero mencionado anteriormente –, ao mesmo tempo em que o Parque Nacional do Iguaçu é a grande atração da fronteira	Em contrapartida, no Espaço Vivido, o quadrilátero central aparece com maior expressão, pois a maioria das atividades praticadas para o público em questão, se desenvolve nesta porção urbana; é importante mencionar que espaços de lazer, pontos de encontro para o público unileiro – nas outrora vilas operárias –

		, apareceram nas entrevistas como Gramadão da Vila A, ou Bar do Nei (Vila C)
Puerto Iguazú	o espaço percebido está em torno do Marco das Três Fronteiras e a Avenida Costanera	, a maior parte dos relatos são referentes aos bares e baladas que se concentram na região do denominado centro da cidade, onde periodicamente se dá a “feirinha de Puerto Iguazú”.

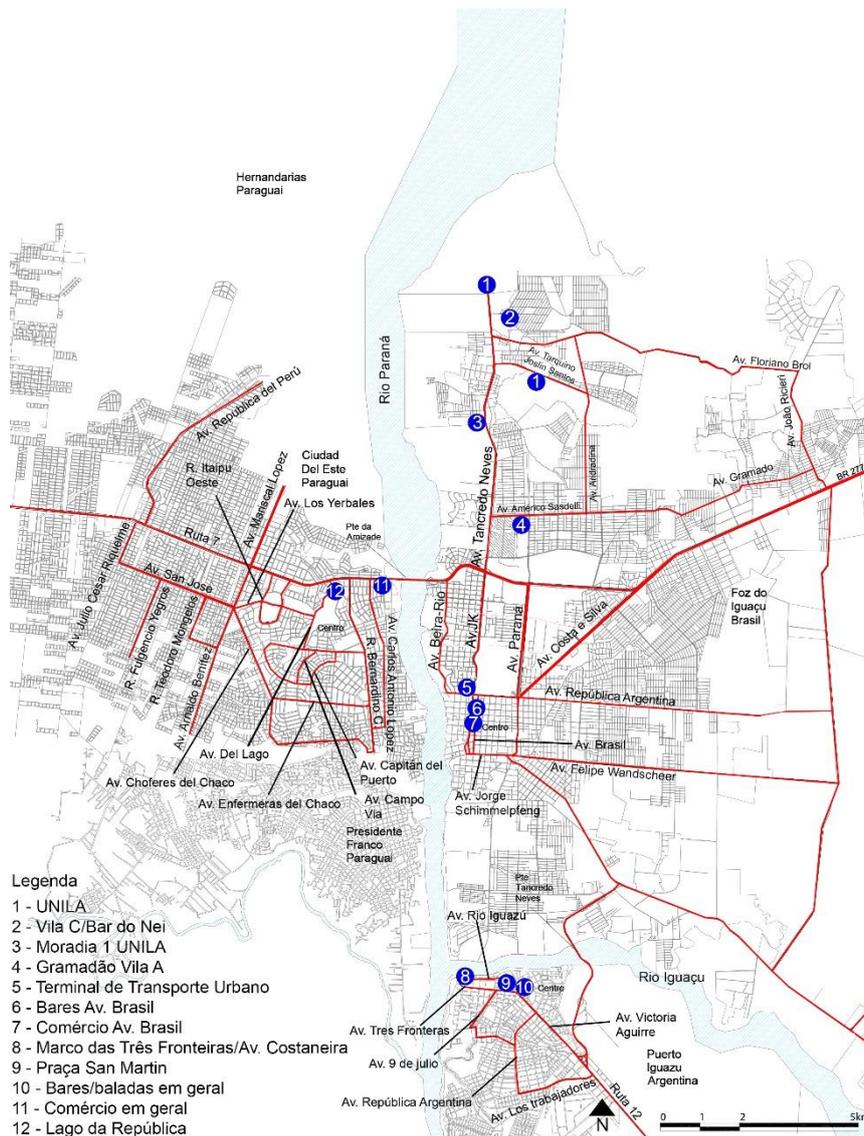
Fonte: Elaboração própria

Baseando-me nas respostas da entrevista: os espaços vividos como moradores de Foz, destoam daquilo que é proposto pelo circuito turístico, que geralmente são frequentados em ocasiões específicas, como visita de parentes. As respostas relacionadas aos espaços de memória, por questões afetivas, ou vivência, fizeram menções à Vila C, Moradia Estudantil da Unila, bares localizados no centro de Foz de Iguazú, por exemplo, não se configuram como as centralidades aqui discutidas<sup>15</sup>.

Com base nas respostas a estas perguntas, elaborei também o mapa (Figura 37).

<sup>15</sup> Nenhum destes espaços vividos produzem imagens sobre si mesmos que amplamente divulgados como os folhetos, na internet, ou até na TV.

Figura 37: Centralidades vividas pelos entrevistados



Fonte: Elaboração própria

Analisando o mapa acima, é possível afirmar que os entrevistados ocupam espaços como centro toponímicos nas três cidades, porém de diferentes formas. Relativo à Foz do Iguaçu, por questões de deslocamento, passam por esta região diariamente, sendo que a maioria destes também vivem no centro. Ciudad Del Este é frequentado justamente por ser o centro de compras, em menor número, localidades nas imediações de determinada área também foram mencionadas. Em relação ao centro de Puerto Iguazú, devido à grande concentração de bares e baladas nesta região foi praticamente unânime entre os entrevistados, tal como a Avenida *Costanera* que também foi lembrada pela maioria dos estudantes.

## Considerações Finais

Esta pesquisa, que teve seu princípio em 2014, cerca de quatro anos antes da finalização deste trabalho – que foi um dos inúmeros produtos viabilizados em anos de pesquisa. As fases da pesquisa seguiram a mesma linearidade deste trabalho, começando pelo interesse de estudar centralidades na Tríplice Fronteira, por exemplo: os estudos das localidades centrais para a América Latina, feitos por Corrêa (2001). De forma geral, tais teorias se voltam para os grandes centros urbanos e grandes metrópoles, no entanto, este trabalho propõe-se a analisar as centralidades de cidades médias que se localizam nas fronteiras de três países.

Sob a necessidade de coletar material relativo à região de minha análise, foram feitos levantamentos *online*, bem como panfletos em formato físico que anunciassem sobre Foz do Iguaçu, recorrentemente, seu contexto espacial transfronteiriço foi abordado. A partir da divulgação de diferentes localidades, que as tornam centrais pelo alto fluxo de pessoas que as frequentam – principalmente turistas – sejam estas as Cataratas do Iguaçu ou Itaipu. No entanto, muito material diferente da expectativa foi anunciado nos panfletos por exemplo.

Com a facilidade de acesso à determinadas imagens, a internet nos fornece diferentes tipos de conteúdo relativos à determinados espaços. O *New Mobilities Paradigm* proposto por Sheller e Urry (2006) denomina como Viagens Imaginativas o acesso de imagens através de dispositivos eletrônicos.

A Teoria dos Circuitos da Economia em Países Subdesenvolvidos de Milton Santos (1975) juntamente com o *New Mobilities Paradigm* foi de grande importância para poder identificar diferentes agentes atuantes na Tríplice Fronteira. Um Circuito Inferior produzindo imagens em forma de panfletos afim de divulgar seu estabelecimento, seja ele um restaurante em Foz do Iguaçu, ou o Icebar em Puerto Iguazú, ou ainda o comércio de eletrônicos em Ciudad Del Este; em contrapartida, por exemplo, um Circuito Superior há o Estado produzindo imagens de divulgação *online* sobre suas obras para a cidade brasileira.

Em determinado momento foi possível identificar o que seria o Circuito Intermediário produzindo imagens computadorizadas sobre estabelecimentos de diferentes usos, no fórum “Foz do Iguaçu em obras” no site *SkyscraperCity*. As imagens produzidas por este Circuito – afinal, estou tratando de circuitos produtores de imagens – são *renderings* de edifícios altamente higienizados, estas imagens geralmente são produzidas por arquitetas/os usando *softwares* específicos.

Com o conhecimento de um histórico relativo à cidade de Foz do Iguaçu, uma das justificativas para este tipo de urbanização são compatíveis com as teorias de Farrés-Delgado e Matarán-Ruiz (2014), sobre colonialidade territorial, uma vez que este – território – está intrínseco ao saber, o ser e ao poder. Com a espetacularização de uma natureza tropical, exuberante e dominada, em um extremo do território de Foz do Iguaçu, e um dos grandes símbolos da ditadura militar em um outro extremo. O fator da usina hidrelétrica determinou como se daria o espaço concebido para Foz do Iguaçu: com o planejamento não só da malha urbana, mas também determinando hierarquias entre os diferentes bairros, denominados como vilas, sendo uma destas um condomínio fechado. Em outras palavras, todas as ações territoriais aqui empregadas, partem de pressupostos oriundos da colonialidade.

Fica explícito como diferentes agentes produzem uma imagem de cidade apresentada com uma vocação turística e que o espaço é concebido em torno de suas atrações. Através de certo esforço, ao mesmo tempo em que a cidade se propõe como um destino que toda ou todo viajante deve visitar, tenta se mostrar como uma cidade cosmopolita empregando uma “arquitetura universal” através de suas imagens produzidas. A Usina Hidrelétrica de Itaipu não representa apenas uma obra de grandes dimensões, mas também um agente político, que atua na articulação de grandes projetos a serem realizados no perímetro urbano de Foz do Iguaçu junto com iniciativas privadas.

Como possíveis encaminhamentos para esta pesquisa, é possível analisar a aplicabilidade dos circuitos de imagens:

- ➔ Através das imagens vendidas pelas imobiliárias de Foz do Iguaçu;

- Um estudo mais aprofundado sobre o lado paraguaio e/ou o lado argentino da Tríplice Fronteira;
- Os circuitos de imagens em contextos metropolitanos;
- Os circuitos de imagens em outra fronteira, não necessariamente entre três países, ou que não promova o turismo como na Tríplice Fronteira;
- Circuitos de imagens em cidades com passado colonial, considerando uma possível variável de patrimônio histórico;

### Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.

Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod\\_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf). Acesso em 29 de novembro de 2017;

BARCELLOS, T. M, MAMMARELLA, R. **Questões teóricas e metodológicas na pesquisa recente sobre as grandes cidades: notas para reflexão.**

Disponível em:

<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2009/2390>.

Acesso em 2 de maio de 2018;

BORSODORF, A. Cómo modelar el desarrollo y la dinámica de la ciudad latinoamericana. In: **Eure**. Santiago. v.29, n.86. maio de 2003. Disponível em:

[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612003008600002](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612003008600002). Acesso em 29 de outubro de 2017.

CIDADE, Escola. Popular da. Cartões Postais: Eu faço parte da cidade.

Disponível em: <https://paisagensperifericas.wordpress.com/cartoes-postais-eu-faco-parte-da-cidade/>. Acesso em 29 de novembro de 2017;

CAMPOS, Ana Cristina. **Ministério da Integração define conceito de cidades gêmeas.** Disponível em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/portaria-do-ministerio-da-integracao-define-conceito-de-cidades-gemeas>. Acesso em 30 de abril de

2018;

CLICKFOZ. **Estudantes da Unila denunciam abuso de poder policial.** Disponível em: <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/estudantes-da-unila-denunciam-abuso-de-poder-policial/>. Acesso em 30 de junho de 2018.

CORRÊA, R.L. **O espaço urbano.** São Paulo. Ática S.A., 1989;

CORRÊA, R.L. **Trajetórias Geográficas.** 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001;

G1. **Estudantes da Unila denunciam abuso de poder policial.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/universidade-repudia-agressao-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu.html>. Acesso em 30 de junho de 2018.

ITAIPU. PROJETO BEIRA FOZ É ELOGIADO EM ENCONTRO DE MINISTROS DO TURISMO. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/projeto-beira-foz-e-elogiado-em-encontro-de-ministros-do-turismo>. Acesso em 29 de novembro de 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo : Martins Fontes, (1961) 2011;

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011;

LEITE, M. A. O espaço dividido nas cidades do século XXI. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n.51, p 75-88, jan./jun. 2011;

MELO, L. CATARATAS S/A ADMINISTRARÁ MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS EM FOZ. Jun. 2015. Disponível em: <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/cataratas-sa-administrara-marco-das-tres-fronteiras-em-foz/>. Acesso em 29 de novembro de 2017;

MONTENEGRO, M.R. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista Geográfica Venezuelana**, v.53, n.1, p. 147-164, 2012;

MONTENEGRO, M.R. Contradições de Fortaleza: entre o turismo globalizado e a reprodução do circuito interior da economia. In: **Revista GeoUECE.** v.3 n.4. jan./jun. 2014 p.60-83;

MONTENEGRO, M.R. Novos nexos entre os circuitos da economia urbana nas metrópoles brasileiras. **Revista da Angepe.** v. 9, n. 11, jan./jun. 2013, p. 29-

MONTENEGRO, M.R. O circuito inferior central na cidade de São Paulo em sua relação com a densidade de fluxos e com o meio construído. In: **Mercator**, ano 08. nº15. 2009. p. 37-48;

NAME, Leonardo. **Geografia Pop: o cinema e o outro**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Apicuri. 2013;

OLIVEIRA, T. C. M. de, SILVA, R. M. O Mérito das Cidades Gêmeas em Espaços Transfronteiriços. In **Observatório Iberoamericano del Desarrollo Local y La Economía Social**, EUMED.NET, Málaga, ano 01, nº05. Dezembro de 2008. p 1-11. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/oidles/05/msmo.htm>. Acesso em 30 de abril de 2018;

SANTOS, M. **O espaço dividido**. São Paulo: EdUSP, [1979] 2008;

SHELLER, M; URRY, J. The new mobilities paradigm. In: **Environment and Planning A**. Lancaster, v.38, p. 207 - 226, 2006;

SHUBHAM. Burgess model or concentric zone model (1925) by Ernest Burgess. Disponível em: <https://planningtank.com/settlement-geography/burgess-model-or-concentric-zone-model>. Acesso em 29 de novembro de 2017;

SHUBHAM. Central Place Theory by Walter Christaller (1933). Disponível em: <https://planningtank.com/settlement-geography/central-place-theory-walter-christaller>. Acesso em 01 de novembro de 2017

SKYSCRAPERCITY. Foz do Iguaçu em obras. Disponível em: <http://skyscrapercity.com/showthread.php?t=1466090/>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

SPOSITO, E. A teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação? In: SOUZA, A. et al. (eds.). **Milton Santos. Cidadania e Globalização**. 51-56. AGB/ Saraiva. Bauru;

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação Econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. 2009. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo;

SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. [Re/a]apresentação: reflexões para uma perspectiva discursiva e contra-hegemônica no ensino de representação gráfica em arquitetura e urbanismo. 2016. Rio de Janeiro;

TRIPADVISOR. Os 10 melhores destinos – Brasil. Disponível em:

<https://www.tripadvisor.com.br/TravelersChoice-Destinations-cTop-g294280#1>.

Acesso em 01 de maio de 2018.